MUNDO DO LIVRO
-L. DA TRINDADE-13
TELEF. 369951
LISBOA

R13197.184

VELUT ARBOR ÆVO

Presented to the

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton

Digitized by the Internet Archive
in 2009 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/novacastrotraged00gome

Eis, ó Senhor, os filhos de teu filho.
Que vem com tristes lagrimas rogar-te
Que d'esta triste, Vai te compadeças.

Act. IV. Scen. III.

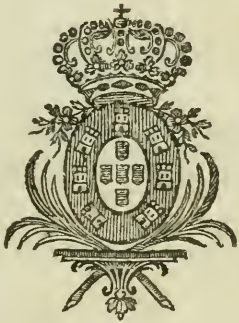
NOVA CASTRO,

TRAGEDIA.

POR

JOÃO BAPTISTA GOMES.

Terceira edição, correcta, e augmentada.



LISBOA:
NA IMPRESSÃO REGIA.
ANNO 1815.

Com Licença.

ACTORES.

D. AFFONSO IV. . . .	Rei de Portugal.
D. PEDRO	Principe.
D. IGNEZ DE CASTRO.	
D. SANCHO	Mestre do Principe.
COELHO	Conselheiros.
PACHECO	Conselheiros.
D. NUNO	Camarista do Rei.
O EMBAIXADOR DE CASTELLA.	
ELVIRA	Aia de D. Ignez.
DOIS MENINOS	Filhos de D. Pedro, e D. Ignez.

A Scena he em Coimbra, n'huma Sala do Palacio em que reside D. Ignez.

A Acção começa ao romper do dia.

Ignez.

Contra Ignez se conspira o Ceo, e a Terra. (1)
Té das campas os mortos se levantão
Para me flagellar: continuamente
Negros fantasmas ante mim voltêão . . .
Que horror! .. oh Ceos! .. agora mesmo, Elvira,
Debuxados na mente inda diviso
Os medonhos espectros, que, girando
Em torno de meu leito, me assombravão . . .
Surgir vejo Constança do sepulcro,
Que em furias abrazada a mim caminha . . .
Relampagos fusilão! treme a terra . . .
Eis-que lá dos abysmos arrojados
Impios Ministros da feroz vingança
No peito agudos ferros vem cravar-me:
Debalde agonisante o Esposo invoco . . .
Proferido por mim seu doce nome
Exacerba os furores de Constança,
Que á morada dos mortos me arremessa.
Oh do crime funestas consequencias! . . .
Desgraçados mortaes!

Elvira.

E póde hum sonho . . ?

Ignez.

Não he hum sonho, Elvira, são remorsos.

---

(1) Levantando-se.

Elvira.

Devem elles acaso inda ralar-te ?
Não bastou Hymenêo a suffoca-los ?
Ah ! Se antes que os seus laços te cingissem,
Succumbiste do amor á paixão céga,
Assas tens expiado este delicto,
Delicto mais que todos desculpavel.

Ignez.

Huma alma como a minha, jámais julga
Ter assas expiado seus delictos :
Embora de Hymenêo os sacros laços
Agora o meu amor lìcito fação,
Este amor foi no crime começado.
Mirrada de pezares, sim, foi elle
Quem despenhou Constança no sepulcro,
Constança, esta Princeza desgraçada,
Que a não ser eu, talvez fosse ditosa,
Talvez, do Esposo amada, inda vivesse ;
Eu fui a origem dos seus males todos ;
Trahí sua amisade, fui-lhe ingrata,
Sua rival, oh Ceos ! assassinei-a.
Oh crime involuntario ! horrendo crime !
Tuas iras são justas, sim, Constança ;
Arrasta-me comtigo á sepultura,
Accaba de punir-me, e de vingar-te . . .
Mas ah! que digo! . . Não. . . poupa-me a vida,

Nella a vida do Principe se int'ressa:
Tu não has de querer envenenar-lha:
A morte não, não póde certamente
A paixão extinguir de que morreste;
Mesmo lá do sepulcro inda o adoras; . . .
E talvez compassiva me desculpes.
Quem melhor do que tu conhecer deve,
Que aos affectos de Pedro, aos seus extremos
Humanas forças resistir não podem?
Se tu, sem ser amada, tanto o amaste,
Deixaria eu de amallo sendo amada?
Sabe o Ceo quanto tempo em viva guerra,
Contra o meu coração lutei debalde;
Quantas vezes chamando em meu soccorro
A virtude, e a razão . . . Auxilio inutil!
Emmudece a razão quando amor falla.
Triunfar de paixões iguaes á minha . . .
Os miseros mortaes não podem tanto . . .
Que profiro infeliz? Até blasfemo! . . .
Perdoa, Summo Deos, ao meu delirio:
A meu pezar, Senhor, fui criminosa;
Porém tua Justiça adoro, e temo.

Elvira.

O Ceo he justo, Ignez, o Ceo te absolve,
Tua alma onde morou sempre a virtude,
Tem por graves delictos leves faltas:

Tranquillisa, Senhora, os teus sentidos,
Modera as afflicções.

Ignez.

Em breve a morte
A's minhas afflicções virá pôr termo.

Elvira.

Oh! Ceos! Na primavera de teus annos,
Engolfada em fataes, loucos pezares,
Tu propria buscas terminar teus dias,
Sem que ao menos te lembres que depende
Da tua vida a vida do consorte;
Que huma lagrima só que tu derrames,
Se o Principe jámais a divisasse,
Seria de sobejo a envenenar-lhe
O terno coração, que affagar deves!..
Se neste estado agora elle te achasse,
Em que estado sua alma ficaria?
Por seu amor, te rogo, enxuga o pranto,
As afflicções desterra, em que soçobras.

Ignez.

Oxalá que eu podesse desterrallas;
Mas buscarei ao menos reprimillas,
Porque não participe o caro Esposo
Dos males, dos horrores que me cercão.
Embora o Ceo me opprima, e me castigue,
Entorne sobre mim suas vinganças;

Porém sobre elle só prazeres mande:
O seu socego, mais que o meu, desejo:
A fim de lhe mostrar alegre o gesto,
Que esforços me não dou continuamente?
Para o não affligir ... ah! quantas vezes
Calco, suffoco dentro do meu peito
Afflicções, que no peito me não cabem!..
Quantas vezes, sumindo-se a seus olhos,
Dos meus ao coração recúa o pranto!
Mas ah! que os meus pezares, meus martyrios,
Quanto mais os escondo, mais se azédão,
Nem podem ter já fim senão co' a vida.
A qualquer parte que meus olhos mande,
Motivos d'afflicção sómente encontrão.
Do passado a lembrança me horrorisa,
E do futuro a idéa me intimida:
Contra mim conspirada a intriga, a inveja,
Sobranceiras as iras d'hum Monarca,
Tudo me vai cavando a sepultura:
O coração m'o diz.

Elvira.

Elle te illude:
Que podes tu temer, quando enlaçada
Ao mais digno dos Principes do Mundo,
Ao melhor dos mortaes que os Ceos formárão,
O seu braço invencivel te defende.

Em vez de recear sonhados males,
Olha os immensos bens, a fausta sorte
Que propicio futuro te apparelha.
O Lusitano Solio, que te espera;
Os respeitos, o amor dos Portuguezes,
A gloria de imperar sobre hum tal povo,
A quem teme, e venera o Mundo inteiro...
Tudo, tudo, Senhora, te promette
Permanentes venturas: nada temas.

Ignez.

Essas mesmas quimericas esp'ranças;
Esses bens illusorios, que me apontas,
Justos motivos são dos meus temores.
Oxalá que D. Pedro não tivesse
Hum Throno por herança que offertar-me!
Então fora eu feliz, passára a vida
No regaço da paz, e da alegria:
Não haveria então quem se oppozesse
A' perpetua união das nossas almas;
Nem barbara politica impècera
De nossos ternos corações a escolha:
Hum do outro na pòsse, ambos ditosos,
Aos transportes d'amor sem susto entregues,
Rodeados dos tenros, caros filhos,
Sem ter que desejar, o Throno excelso,
Todos esses fantasmas da grandeza

Nem huma vez sequer nos lembrarião;
Mas o fado não quiz...

Elvira.

Ahi vem D. Sancho.

Ignez.

Que motivo o conduz a procurar-me?
Venero as suas cans, e o seu caracter;
Como elle, junto aos Reis, achão-se poucos.

SCENA II.

D. SANCHO, IGNEZ, E ELVIRA. (1)

D. Sancho.

O ceo neste lugar faz que eu te encontre:
He preciso, Senhora, com franqueza
Mostrar-te os eminentes precipicios,
Que só tua virtude evitar póde.
O Principe despreza os meus conselhos,
Meus rogos não attende, nem já céde
A's lagrimas d'hum velho que apprecía,
Mais do que a propria vida, a sua gloria:

---

(1) Elvira logo que D. Sancho entra na Scena, retira-se para o fundo della, e pouco depois desapparece.

D'hum velho, que incumbido de educa-lo,
Sempre a núa verdade ante os seus olhos
Tem feito apparecer, buscando sempre
Afastar-lhe a lisonja dos ouvidos,
Esse das Cortes pessimo veneno,
Que os corações dos Principes corrompe.
Seu caracter violento, caprichoso,
Agora por amor mais inflammado,
Já não deixa dobrar-se ás minhas vozes;
Cégo resiste aos Paternaes conselhos;
He necessario pois que a obedecer-lhe
O resolvas tu mesma. Bem conheces
Do inflexivel Affonso o genio iroso.
Já tres vezes o tem chamado á Corte,
Sem que D. Pedro cumpra os seus mandados,
Nem queira pesar bem os ameaços:
Muito do Rei severo temo as iras,
Por crueis Conselheiros atiçadas:
Vendo talvez do filho a rebeldia,
Se esqueça de que he Pai. Cumpre, Senhora,
Que atalhes as funestas consequencias,
Que podem resultar da pertinacia
Em que o Principe insiste: que o convenças
A beneficio seu, em teu proveito,
A cumprir sem demora os seus deveres:

Eu sei que na sua alma podes tudo,
E das tuas virtudes tudo espero.

Ignez.

O teu zelo, candura, e probidade
Assas louvo, e respeito. Não te enganas
Em suppôr-me capaz de emprender tudo,
Inda mesmo arriscando a propria vida,
Para chamar D. Pedro aos seus deveres;
Não tem sido por falta de lembrar-lhos,
Que elle ás ordens de hum Pai tem resistido.
(Tu, não menos do que eu, seu genio sabes)
Nem attender-me quer quando lhe imploro,
Que á Corte vá lançar-se ás Reaes Plantas.
Todavia, D. Sancho, eu te prometto,
Que não hão de cessar minhas instancias:
Embora, longe delle, Ignez saudosa,
Ao furor dos seus émulos exposta,
Venha talvez a ser victima triste
De insidiosa politica: antes quero
Morrer, do que lembrar-me que sou causa
De que o Principe falte aos seus deveres.

D. Sancho.

Quem nutre em si tão nobres sentimentos,
Inda sendo opprimida, he venturosa.
Zombou sempre a virtude da desgraça:
Debalde a emulação, armando a intriga,

Conspira contra ti: mas he preciso
Seus designios frustrar: sim...

Ignez.

Eis D. Pedro.

D. Sancho.

Queira o Ceo que o convenças! Eu vos deixo.
Parte.

SCENA III.

D. PEDRO, E IGNEZ.

D. Pedro.

QUANTO são vagarosos, cara Esposa,
Os poucos melancólicos momentos,
Que distante de ti saudoso passo!
Só ao teu lado, Ignez, socêgo encontro,
Não existo senão quando te vejo.

Ignez.

Quanto me adoras sei, Principe amado;
Mais terno cada vez, mais extremoso,
As tuas expressões meu pranto excitão;
Porém d'amor agora não tratemos:
Bradando deveres mais sagrados
Que preencher te cumpre antes de tudo.

Tenho, Esposo, hum favor que supplicar-te:
Negar-mo-has tu, Senhor?

D. Pedro.

Ignez, que dizes?
Tu, que tens na minha alma todo o imperio,
Ah! podes duvidar que eu te obedeça?

Ignez.

Pois bem, Senhor, attende á tua esposa,
Ouve meus rogos, e a meus rogos céde:
Se tu só junto a mim socêgo encontras,
Tambem só junto a ti socêgo eu tenho;
Porém quer o destino, o dever manda,
Que te apartes de mim por algum tempo.

D. Pedro.

Apartar-me de ti? Oh Ceos! Que escuto!
Apartar-me de ti? Castro he quem falla?

Ignez.

He Castro, sim, Senhor, aquella mesma,
Que préza mais que tudo a tua gloria;
Aquella, cujo brio não tolera,
Que seja o terno amor, que lhe consagras,
Motivo de infringires teus deveres.
Bem o sabes, Senhor, em nenhum tempo
Procurei ardilosa allucinar-te:
Cedi ao teu amor, porque te amava,
Porque em ti divisei huma alma terna,

Alma que o Ceo formou para encantar-me,
De todas as virtudes adornada.
Agora pois te cumpre conserva-las
E a mim não consentir que as abandones:
Eu de mim propria assás me horrorisára
Se visse que as perdias por amar-me.
Não, principe querido, eu te supplico
Por este mesmo amor que a ti me prende,
Que á Corte sem demora te dirijas,
Onde teu Pai, talvez já fatigado
De te chamar em vão, te espera ancioso.
Obedecer aos Paternaes preceitos
He lei da natureza, he lei sagrada;
Cumpri-la deves: vai...

D. Pedro.

Basta: Eu conheço
Quaes meus deveres são, e sei cumpri-los;
Sei que he devida aos Pais a obediencia;
Mas igualmente sei que tem limites
A Paternal, sagrada auctoridade.
Tenho pensado bem no que obrar devo:
Justos motivos, que não sabes inda,
Exigem que eu não cumpra as Regias ordens.
Obedecêra a hum Pai, se Pai tivera...
Mas eu não vejo mais do que hum tyranno
Nesse que o ser me deo...

Ignez.

Senhor, suspende:
He teu Pai; muito embora cruel seja;
Tu deves respeita-lo, e obedecer-lhe.

D. Pedro.

Se quer que lhe obedeça, e que o respeite,
Não me imponha preceitos deshumanos.

Ignez.

Não prometteste ha pouco á tua Esposa
Conceder-lhe o favor que te pedisse?

D. Pedro.

Vê pois quando não posso comprazer-te,
Se terei razões justas que me estorvem
De obedecer a hum Pai!

Ignez.

Não póde have-las.

D. Pedro.

Tyrannos . . . que nos julgão seus escravos! (1)
Para nos flagellar o ser nos derão!

Ignez.

Tu me fazes tremer.

D. Pedro.

Sabe em fim tudo.
Affonso, e o Monarca de Castella

---

(1) Sem attender a Ignez, transportado.

Acabão de firmar a nova alliança,
Em que sem meu consenso contratárão,
Que daria a Beatriz a mão de Esposo:
Para este fim á Corte sou chamado.
Affonso não contente da violencia
Que ao meu coração fez, quando forçado
De rójo me levou ante os altares
Para unir-me a Constança em laço eterno,
Pezado laço, que rompeo a morte;
Não contente de haver sido o motivo
De . . . Mas que digo? Não, ah! não foi elle;
Eu em lhe obedecer fui o culpado;
Que desenfreie agora as suas iras;
Que rogue, ou que ameace; mesmo quando
Em secreto Hymeneo não estivessem
Ligadas para sempre nossas almas,
Debalde intentaria submetter-me
A hum jugo que a vontade recuzasse.
Reconheço porém que a pertinacia,
O despotico orgulho de seu genio,
Sem que attenda senão ao seu tratado,
Quererá que por força o desempenhe.
Não convém descobrir nosso consorcio;
E outra escusa qualquer que eu fosse dar-lhe
D'irritallo inda mais só serviria.
Agora julga pois se partir devo,

Se me devo hir expôr, talvez . . . quem sabe!
A faltar-lhe ao respeito inteiramente . . .
Mas tu choras ? . . que vejo ! . . acaso temes ? . . .

Ignez.

Nada temo por mim, por ti só temo:
Sim, quando vejo os sobranceiros males,
Por desditoso amor originados;
Quando vejo engrossar a tempestade,
Que me denota proxima ruina;
Nem por isso me assusto: o que me affiige,
He vêr hum Pai, hum Reino, e o proprio Esposo,
Tudo por meu respeito alvorotado.
Em situação tão ardua, e tão penosa,
Té chego a desejar . . . (infeliz Castro!)
Que o sacrosanto nó que a ti me prende,
Este laço tão doce, e desejado,
Dos bens o maior bem que Ignez possue,
A ser possivel, hoje se rompesse,
Só porque tu podesses livremente
Obedecer a hum Pai, fazer ditosos
Por hum feliz consorcio dois Imperios.
Muito embora Beatriz te possuisse . . .
Mas que digo? Ai de mim! Nos braços d'outra!..
Nos braços d'outra ver o amado Esposo!
Ah não . . . não posso tanto, antes a morte.

D. Pedro.

He teu meu coração, será teu sempre.
Os laços de Hymenêo são as mais debeis
Prizões que a ti me ligão: Quando amamos,
Desnecessarios são ritos, promessas:
Mais força tem amor que os juramentos.
Inda que ante os altares sacros votos
De permanente fé, de amar-te sempre
Não tivesse a teu lado proferido,
Seria sempre teu, sempre te amára;
Sem que já mais pudesse força humana
Separar corações que amor unira.

Ignez.

Mas que, talvez em breve sopeados,
Aos golpes da politica succumbão.

D. Pedro.

Para lhe resistir basta o meu braço.

Ignez.

O teu braço, Senhor, só deve armar-se
Para emprezas mais dignas do teu nome:
No lance melindroso em que nos vemos,
Convém, mais que os furores, a brandura;
E a pezar das razões que ponderaste,
Julgo que deves dirigir-te á Corte;
Pois talvez, se não corres a embargallos,
Teu Pai avance os começados passos

Para as nupcias da Infanta de Castella,
Na esperança de ser obedecido,
E a ponto chegue que depois não possa ...

D. Pedro.

Sem lhe dizer porque, já fiz saber-lhe,
Que taes nupcias já mais celebraria.

Ignez.

Mas não fôra melhor ...

SCENA IV.

D. PEDRO, IGNEZ, e D. SANCHO.

D. Sancho.

SENHOR: Ah! corre,
Vem esperar teu Pai.

Ignez.

Oh Ceos!

D. Pedro.

Que dizes?

D. Sancho.

Dirigido a Coimbra em veloz marcha
Partio da Corte Affonso, aqui não tarda.

Ignez. (1)

Agora sim, minha desgraça he certa.

D. Pedro. (2)

Meu Pai? oh Ceos!.. meu Pai?..

D. Sancho.

Coelho, e Pacheco,
Seus crueis Conselheiros, o accompanhão:
Toda a Corte, Senhor, em sobresalto
Ficou co'esta partida inesperada:
Mendonça, que ligeiro vem trazer-te
A importante noticia, assim o affirma:
Murmura o Povo já de recusares
As nupcias de Beatriz, que applaudem todos.

D. Pedro.

Murmure muito embora, embora venha
Armado de poder, ardendo em raiva,
Da vingança, e das furias escoltado,
Esse a quem por meu mal devo a existencia;
Que se intentar comigo ser tyranno,
Ha de em seu filho achar hum inimigo
Capaz dos mais tremendos attentados;
Que em casos taes os crimes não são crimes,
São forçoso dever das almas grandes.
Esperallo não vou.

---

(1) Fallando comsigo mesma.
(2) Pensativo, e admirado.

D. Sancho.

Senhor, que fazes?

D. Pedro.

O que me apraz fazer.

Ignez.

Oh Ceos! Nem posso
Das tuas expressões horrorisada,
Soltar do coração tremulas vozes:
Fallem por mim as lagrimas que chóro...
Não me consternes mais. Ah! vai, não tardes;
Vôa a encontrar teu Pai, se ver não queres
Estalar de afflicção a tua Esposa.

D. Pedro (1)

Eu vou satisfazer-te, sim eu parto;
Vou rasgar do segredo a cauta venda:
Saiba, sim, saiba Affonso antes que chegue
Estes sitios a entrar, que Ignez habita,
Que a deve respeitar como Princeza;
Que inquebravel prizão a Ignez me liga. (2)

D. Sancho.

Oh Ceos! Não faças tal, melhor discorre;
Para lhe revelar hum tal segredo,
Occasião mais opportuna espera:
A cólera azedar não vás de Affonso;

---

(1) Depois de ficar hum pouco pensativo, diz resoluto.
(2) Em acção de partir, e D. Sancho retendo-o.

No transporte cruel das suas iras,
Bem sabes que he capaz...

D. Pedro.

De que? De nada:
Mais de mim, do que eu delle, tremer deve...
Se ouzasse contra Ignez... Ah! nem pensa-lo.
Para vingar o seu menor insulto
Seria pouco todo o sangue humano.

Ignez.

Bem me dizia o coração presàgo...
Meu mal he sem remedio; o proprio Esposo
He quem vai despenhar-me no sepulcro.
Meus crueis inimigos não me assustão:
O popular tumulto, hum Rei severo
Nada temo, ai de mim! a ti só temo.
Ah! Lembra-te, Senhor, do que juraste
Antes de conduzir-me ás sacras Aras,
Onde eu te não seguira, se primeiro
Tu me não promettesses guardar sempre
O devido respeito ao teu Monarca,
E a paz não perturbar dos seus Dominios:
Tu não has de faltar, o tempo he este
Que eu já prevía então: oh caro Esposo!
Lança do coração fataes transportes;
Não percas tempo, vai, corre a prostrar-te
Aos pés do grande Affonso; mas submisso

Ao beijar de teu Pai a mão augusta
Sobre ella de teus olhos chova o pranto.
Pondera que te perdes, que me perdes,
Se com elle furioso practicares;
Só nos póde salvar docil brandura:
Senão queres matar-me, sê submisso.

D. Pedro.

O temor de affligir-te póde tudo.
Respeitoso serei, terei brandura,
Se elle brandura igual usar comigo.
Nada temas, Princeza: Adeos. Eu juro
Pelos Ceos outra vez, e por ti mesma,
Que inda que o Mundo inteiro se me opponha,
Castro ha de ser de Portugal Rainha. (1)

Ignez.

Não te apartes, D. Sancho, do seu lado:
Moderem teus conselhos seus transportes.

D. Sancho.

Dai forças, justos Ceos, ás minhas vozes,
Lançai a Portugal piedosas vistas.

---

(1) Parte.

SCENA V.

IGNEZ só.

Ignez.

QUE temor, infeliz! de mim se apossa! (1)
Caro Principe!.. Esposo!.. oh Deos, quem sabe
Se nunca mais eu tornarei a ver-te!..
Vai, ó Castro, abraçar-te aos caros filhos,
E entrega-te nas mãos da Providencia.

ACTO II.

SCENA I.

D. AFFONSO, e D. PEDRO.

D. Affonso.

BASTA, Principe, basta: prescindamos
De justas arguições, de escusas futeis;

---

(2) Sem poder despregar os olhos do caminho que tomou D. Pedro.

Não quizeste hir, vim eu. Quero esquecer-me,
Perdoar quero mesmo as tuas faltas,
Huma vez que obediente hoje as repares.
Conclução-se estas nupcias proveitosas,
Que para teu prazer, e a bem do Estado,
Prudente contratei. Verás com gosto,
Quando Lisboa entrares a meu lado,
Com quanto regozijo o Povo todo,
Teu consorcio applaudindo, a festeja-lo
Com pompa jámais vista se prepara.
Que doçura não he para os Monarcas,
Espalhar alegria entre os Vassallos!
Vêlos mandar ao Ceo ardentes votos,
Pela conservação da Regia Prole,
Que lhe segura a paz, a dita, a gloria!
Vêr que as suas acções o Povo approva,
E contente abençoa o seu Reinado,
Curvando-se degrado ao leve jugo,
Que sómente os máos Reis fazem pezado!
Mil graças dou aos Ceos, pois satisfeitos
Julgo estarão de mim os Lusitanos.
E nada mais desejo que deixar-lhes
Em meu filho, outro eu, que sempre os ame,
E que por elles seja sempre amado.
Começa desde já neste consorcio
A firmar o seu bem. Sim, hoje mesmo

Deves partir comigo para a Corte,
A fim de o celebrar, logo que chegue
A Infanta de Castella, digno objecto
Que escolhi para Esposa de meu filho.

D. Pedro.

Ah! Que seja possivel, por meu damno,
Que o melhor dos Monarcas do Universo,
Igualmente não seja o Pai mais terno!
Que hum Rei, que desvelado buscou sempre
Fazer os seus Vassallos venturosos,
Queira fazer seu filho desgraçado!..
Contratares, Senhor, sem consultar-me
Hum consorcio, ignorando se teu filho
Póde, ou quer d'Hymenêo ás leis cingir-se!
Se essa, que lhe destinas para Esposa,
Póde ao seu coração ser agradavel!
Acaso julgas tu desnecessaria
A minha approvação para estas nupcias!
Não será livre hum coração ao menos
Na escolha d'huma Esposa, que amar deve...
Ah! Não queiras, Senhor, com tal violencia...

D. Affonso.

Emmudece, insensato; não prosigas
Indignas expressões que me envergonhão...
Bem conheço a razão porque assim pensas.
Que indignos sentimentos, que fraqueza,

Para quem deve hum dia ser Monarca!
Como, quando do Imperio as redeas tomes,
Quando na mão a espada formidavel
Da severa Justiça sustentares,
Da paixão punirás o torpe effeito,
Sendo tu proprio das paixões escravo?
Como jámais serás obedecido,
Se tu mesmo ao teu Rei desobedeces?
Com quanta repugnancia os Portuguezes,
Murmurando, verão no Luso Solio,
Que de tantos Heróes tem sido assento,
Hum Rei dado ás paixões affeminado,
Incapaz de empunhar o Sceptro Augusto!

D. Pedro.

Mas capaz de os reger, e defende-los.
Se das grandes paixões sou susceptivel,
A molleza detesto, bem o sabes:
Quando cumpre, Senhor, em campo armado,
Ensinado por ti, brandindo a espada
Sei por acções mostrar que sou teu filho;
Nem para ser bom Rei (Senhor, perdoa)
Eu julgo necessario huma alma dura;
Mas antes me persuado não devêra
O que fosse insensivel reger Homens.
Corações que á ternura se não rendem,
Jámais sabem carpir alheios males,

Nem doer-se das lagrimas do afflicto.

D. Affonso.

Apagada a razão, cégo deliras.
Isentos de paixões os Reis ser devem;
Manão dos seus os publicos costumes:
Se exemplificão mal os seus Estados,
Os vicios dos Vassallos são seus vicios;
Devem sacrificar os seus desejos;
Ser comsigo crueis a bem dos Povos,
Que o Ceo lhes confiou; e os que se ensaião
Para lhes dar as Leis, devem mostrar-se
Capazes destes nobres sacrificios.
Os consorcios dos Principes são obra
Dos int'resses do Estado, elles decidem,
Elles dispõem de nós. Deixem-se ao Vulgo
Caprichosos melindres com que exige,
Que aos laços d'Hymenêo Amor presida.
As doçuras de Amor para os Monarcas
São de pouca valia: a nossa gloria
Não se firma em tão fracos alicerces.

D. Pedro.

Se aos que devem reinar he necessario
Ceder dos privilegios, dos direitos
Que a Natureza deu aos Homens todos;
Por tal preço, Senhor, não quero o Throno!
Laços formar, que o coração repugna,

Origem de desgraças, e de crimes . . .
Assas o exp'rimentei . . . grilhões tão duros,
Por tuas mãos lançados, longo tempo
Com bem custo arrastei . . . Supportar outros . . .
Ah! Não, Senhor, não posso.

D. Affonso.

Temerario!
Basta já de soffrer hum filho ingrato.
Se aos rogos, ás razões de hum Pai benigno
Tu não queres ceder; cede aos preceitos
De hum Monarca severo, e justiçoso.
Eu dei minha palavra, has de cumpri-la:
Os tratados dos Reis não são falliveis:
Debalde pois te oppões . . .

D. Pedro.

Mas ah! Pendera . . .

D. Affonso.

Tenho em fim decidido. Acaso queres,
Deixando de cumprir o meu tratado,
Entre os Povos soprar a horrenda guerra?
Queres ver Portugal nadando em sangue?
Contra nós conspirada a Europa inteira,
Abraçando o partido de Castella,
Vir vingar sua injuria? Ah! . .

D. Pedro.

Que receas?

Portugal vencedor, nunca vencido,
Zombará do poder do Mundo inteiro.
Tão ousada será, tão nescia a Hespanha,
Que contra nós se atreva a mover guerra?
Não ha de inda lembrar-se o seu Monarca,
Que te deve os Dominios que possue?
Que ha bem pouco, cercado de inimigos,
Vendo nas mãos o Sceptro vacillante,
Mandou a propria Esposa, filha tua,
A implorar-te que fosses soccorre-lo,
Ou antes sobre o Throno sustenta-lo?
E que do filial pranto commovido,
Não contente em mandar-lhe tuas Tropas,
Tu proprio á testa dellas generoso
Quiseste ir debellar seus inimigos,
E segurar-lhe a C'roa na cabeça?
Ha de offender quem soube defende-lo?
Quem póde, apenas queira, anniquilla-lo?
Não; quem vio pelejar ao teu commando,
Nas margens do Sallado os Portuguezes,
A atacar Portuguezes não se atreve;
E se a tanto chegar a sua insania,
A' maneira dos seus antepassados,
Chorando o opprobrio de ficar vencido,
Caro lhe custará seu louco arrojo.
Oxalá que elle á guerra nos convide!

Poderia teu filho então mostrar-te,
Que te sabe imitar quando he preciso,
Novos louros cingindo ao teu Diadema.

D. Affonso.

Que desatino! Oh Ceos!.. Eu me envergonho
De te haver dado o ser: de te ouvir tremo...
Tristes Vassallos meus, amados filhos,
Que Monarca vos deixo sobre o Throno!
Tu desejas a guerra? Esse flagello,
Que envergonha, e devasta a Humanidade?..
O capricho dos Reis que importa aos Povos?
Ouve as lições de hum Pai, posto que iroso
Só devêra tratar do teu castigo.
Eu não posso deixar quando te escuto,
De reprehender-te, ó filho, e de ensinar-te:
Talvez por ti mandado á sepultura,
Bem depressa no Throno me succedas;
Não te esqueças então dos meus dictames:
Poupa o sangue dos miseros Vassallos,
Do mais infimo delles preza a vida
Outro tanto que a tua; teme a guerra
Que ao proprio vencedor sempre he funesta:
No meio do triunfo, os bons Reis chorão.
Nessa mesma tão celebre batalha,
Que julgas me cingio de louro eterno,
Quando juncavão do Sallado as margens

Os montões de cadaveres sem conto
De infiéis derrotados inimigos;
Por perder trinta só dos meus Soldados,
Muito cara julguei esta victoria,
E, dentro de mim proprio recolhido,
Mais pranto derramei, do que elles sangue.
Os Reis devem ser Pais de seus Vassallos;
Nada mais que o seu bem deve importar-lhes...
Elle exige estas nupcias, que te ordeno;
Suas vozes escuto, e não as tuas.
Já te disse que dei minha palavra,
E torno-te a dizer, que has de cumprilla.
Affonso he teu Monarca: mando, e basta.
Hoje mesmo comigo para a Corte
Vê que deves partir, vai preparar-te.

D. Pedro.

Teus passos seguirei, porém debalde...
Celebrar o consorcio que pertendes...
Quizera obedecer-te, mas não posso...
Sem que te diga mais, assás te digo.

Parte.

SCENA II.

D. AFFONSO só.

D. Affonso.

He possivel, oh Ceos! que assim meu filho
Temerario resista aos meus preceitos!..
Que cegueira! Que arrojo! He necessario
Desarreigar-lhe d'alma por violencia
A funesta paixão que o traz de rojo:
Mas de que modo?.. Cumpre meditallo...
Seja em fim como for, desempenhado
Meu tratado ha de ser: o ingrato filho,
Em vez de hum Pai benigno, hum Rei severo
Ha de encontrar em mim. Oh lá, D. Nuno.
Chamando para dentro, á Scena.

SCENA III.

D. AFFONSO, e D. NUNO.

D. Nuno.

Que me ordenas, Senhor?

D. Affonso.

Os Conselheiros
Vai chamar... mas espera, ahi vem Pacheco.

SCENA IV.

D. AFFONSO, PACHECO, e D. NUNO.

D. Affonso. (1)

Quem tal dissera, Amigo! Eu me envergonho
Sómente de o pensar: o iroso aspecto
De hum Monarca, de hum Pai, razões, ameaços
Nada bastante foi: ousa o rebelde
A's nupcias recusar-se, aos meus preceitos;
Mas ha de obedecer-me, aos Ceos o juro,
Os meios estudemos, que efficazes
A sua contumacia vencer possão:
Se necessario for, inexoravel,
Rigoroso serei.

Pacheco.

Dever funesto
He, Senhor, na verdade, o de hum Vassallo,

---

(1) D. Affonso se dirige a Pacheco, e D. Nuno se affasta para o fundo da Scena.

Que fiel ao seu Rei, bem que sensivel,
Na precisão se vê de supplicar-lhe,
Que suffoque a piedade, e que castigue...
Mas o int'resse do Estado, e mais que tudo
O decoro do Throno assim o exigem.
De incorrupta lealdade claras provas
Eu protesto dar sempre ao Rei, e á Pátria.
Longe de desculpar, porque he teu filho,
Do Principe a paixão, funesta origem
Da sua contumacia; com franqueza
Direi meus sentimentos, sem que possa
Tolher-me as expressões o temor justo
De perder o favor, de ser odiado
De hum Principe que adoro, e que respeito.
Se queres que teu filho te obedeça,
Corta a indigna paixão que maneatado
O coração lhe traz, e que o estorva
De entrar em seus deveres: pune, extingue
Esse objecto fallaz que a alma lhe encanta:
De contrario, Senhor, serão baldados
Outros meios quaesquer que projectares.

D. Affonso.

Seja punida, sim, seja punida
Mulher que tantos males origina;
Que impéra mais do que eu, e que se atreve
A usurpar-me do filho a obediencia.

Seu crime... Mas que digo!.. Por ventura
Não he meu filho mais culpado qu'ella?
Serei eu parcial punindo Castro,
Sem que seja igualmente castigado
Quem deve mais do que ella ser punido?..

Pacheco.

O Principe, he teu filho, tanto basta
Para ser absolvido, e desculpado:
A condição d'Ignez he mui diversa.

D. Affonso.

Não puno condições, puno delictos.
Antes de tudo, interrogalla devo.
D. Nuno, Chama Ignez. (1) Ouvilla quero,
Sondar seu coração; depois veremos
Se he digna de castigo.

Pacheco.

Ah! Se attenderes
Suas vozes, Senhor, suas escuzas,
Por seu astuto pranto subornado,
Deixarás por piedoso de ser justo.
Quem foi capaz de fascinar o Filho,
Póde o Pai fascinar. Arte impostora
A peitos feminís Amor sugere:
Quando as abraza criminosa chamma,

---

(1). Parte D. Nuno.

Negão as expressões o que a alma sente,
E c'o auxilio das lagrimas convencem.
Attende, attende só ao bem do Estado,
Ao exemplo que deves ao teu Povo,
Que, murmurando já, talvez se azéde
Se vir que em nova guerra o precipita
Do Principe a paixão escandalosa;
Não soffrerá Castella a grave affronta
De ser, do seu tratado em menoscabo,
Por teu filho Beatriz repudiada:
E o consorcio D. Pedro não celebra,
Sem que até da lembrança Ignez lhe afastes.
Atalha em quanto podes tantos males:
Muitas vezes punir he ser piedoso.

D. Affonso.

Tu me fazes entrar nos meus deveres.
Para me resolver a castigalla
Basta o bem do meu Povo que me lembras.
No coração de hum Rei digno do Throno,
Se os int'resses do Estado a voz levantão,
Compaixão, amizade, natureza,
Tudo, tudo emmudece. Exterminada,
Em remota clausura Ignez reclusa,
Da presença do Principe se affaste:
Não torne a ver meu filho essa que o céga,
Em quanto, da rasão acceso o facho,

As tochas de Hymenêo arder não faça;
E se isto não bastar, mão lançaremos
De outro mais efficaz duro remedio.

Pacheco.

Não bastará talvez: por mais que seja
Recatado, e remoto qualquer sítio,
Que para o seu desterro escolher possas,
Lá mesmo hirá teu filho arrebatalla.
Eu calo o mais que sinto, e só te lembro,
Que a quereres com ella ser piedoso,
Poupando-lhe hum maior justo castigo,
De Portugal ao menos a desterres.
Occasião, Senhor, tens opportuna
De envialla ao Monarca de Castella,
Que zeloso da filha no decóro,
Guardará providente em segurança
A rival que se atreve a disputar-lhe
O coração do Principe. Este arbitrio
Segue pois se te apraz, bem que inda o julgo
Para tão grande mal remedio fraco.

D. Affonso.

Seguirei teu conselho; porém antes
Já de brandura, já de ameaço usando,
Quero tentar o coração de Castro;
Ver se a posso mover a que ella mesma

As chammas que accendeo apagar busque.
Mas ella para aqui já se encaminha.

SCENA V.

D. AFFONSO, IGNEZ, PACHECO, e D. NUNO. (1)

Ignez. (2)

EU DESFALEÇO... Oh Ceos!.. Excelso Affonso
Permitte que a teus pés Ignez prostrada... (3)

D. Affonso.

Levanta-te, ardilosa. Não he digna
De beijar a Mão Regia huma vassalla,
Que a perpetrar se atreve altos delictos.

Ignez.

Eu perpetrar delictos! Quaes são elles?
Fiel sempre ao meu Rei, vassalla humilde,
Ignoro em que offendesse a Magestade.

---

(1) Pacheco affasta-se para o fundo da Scena, logo que Ignez se chega ao Rei, e D. Nuno que a conduz se retira.

(2) A' parte.

(3) Prostra-se aos pés do Rei.

D. Affonso. (1)

Além de criminosa, inda impostora!..
A fallaz artificio em vão recorres.
De sobejo sciente do teu crime,
Tua simulação mais me enfurece:
Ousarás tu negar que amas meu filho?

Ignez.

Não, Senhor, a negallo não me atrevo...
Nem, por mais que eu quizesse poderia
Deixar de confessar o que os meus olhos,
O rubor de meu rosto assás te explicão:
Sim, se he delicto amar, e ser amada,
Meu coração, Senhor, he criminoso....
Mas eu não sou culpada.

D. Affonso.

Que proferes?
Se confessas tu mesma o teu delicto,
Dizes não ser culpada?

Ignez.

Sou ingenua.
Em chamar-me impostora te enganaste:
Tenho-te dito assás... e mais dissera,
Se licito me fosse.

D. Affonso.

Acaba, dize:

(1) Contemplando-a ironso.

Que cegueira fatal, que louco arrojo,
Vans, altivas idéas te inspirárão?
Como intentaste ousada ter imperio
No coração d'hum Principe? Não vias
A distancia empinada, inaccessivel.
Que do teu berço vai ao Throno excelso?

Ignez.

Quando amante paixão nos predomina,
Offuscada a rasão, a ninguem lembrão
As distancias fataes do berço, e sangue.
São iguaes ante amor os mortaes todos:
De virtude sómente se enamora
Huma alma virtuosa: só virtudes
Convidárão Ignez a amar teu filho.

D. Affonso.

E atreves-te a fallar inda em virtude?
Não profanes palavra tão sagrada;
Antes dize que estólida esperança,
Avidez de reinar te fez culpada.
Talvez da minha já cançada vida
Contando os longos importunos dias,
Te tardava o momento suspirado,
Em que, baixando Affonso á sepultura,
Vasio o Throno, aos teus desejos franco,
Te cingisse o Diadema a indigna fronte.

Ignez.

Que injustiça!.. Minha alma não conheces,
Não conheces de amor o desint'resse:
Quem ama, só deseja ser amado,
E a par de hum coração como o de Pedro,
Os Diademas que são? Que vale o Mundo?
Quem de seu terno peito o imperio obteve,
Mais imperio não quer: nem se deslumbrão
As almas grandes c'o esplendor do Throno.
Quando a amor succumbi, do Solio estava
Mais longe que o meu berço a minha idéa,
Por isso não medi como devera
A declive distancia que os separa;
Mas hoje a vejo assás, e mais deploro
A condição do Principe, que a minha;
Quizera que tivera antes nascido
Vassallo o meu amante, que eu Princeza:
Longe de o cubiçar, detesto o Throno:
Nelle deviso só barreira odiosa,
Que entre peitos sensiveis sorte adversa
Alçou para que nunca unir-se possão...
Sei que sou infeliz... e serei sempre.

D. Affonso.

Podes inda evitar maior desgraça;
Quem logo que o conhece o crime atalha,
A innocencia recobra. Extingue, ó Castro,

As criminosas chammas que sopraste;
Quanto são detestaveis não ignoras,
E bem vês que nutrillas mais não podes.
Antes pois que do Principe te affastes,
(A tão graves delictos leve pena,
Que hum benigno Monarca te destina)
Teu completo perdão merecer busca.
Tu mesma de seus erros o dissuade,
E o convence a cingir-se aos dignos laços
Do plausivel consorcio que lhe ordeno:
Concorre para o publico socego,
Em vez de o perturbar: não exacerbes
Pertinaz em teu crime as minhas iras.
Teme o castigo atroz de que hes crédora,
Se ao coração do Principe as que urdiste
Prisões abominaveis não desatas.

Ignez.

Muito exiges de mim! .. Ah! Se eu pudesse
As algemas romper que nos vinculão;
Só por te obedecer (crê-me) o fizera:
Mas como n'hum momento arrancar posso
Do peito de teu filho sentimentos,
Que amor, e simpathia originárão?
Para sempre deixar a terna amante,
E subito lançar-se em braços de outra! ..
Se elle tivesse huma alma tão voluvel,

Por amallo increpada eu não sería?
Que proferi?.. Deliro... Oh Ceos... Perdoa...
Perdoa-me, Senhor, talvez o tempo...
Extinguir poderá... Não sei que digo.

D. Affonso.

Basta: emmudece já, mulher soberba.
De sobejo em tua alma tenho entrado.
Ousas alardear ante mim proprio,
Do mais nefando crime! Ah! que castigos
Bastarão a punir teus attentados!
Tudo quanto ha de horrivel...

SCENA VI.

D. AFFONSO, IGNEZ, COELHO, e PACHECO.

Coelho.

De CASTELLA
Embaixador chegou, que Audiencia pede.

D. Affonso.

Entrar póde.

SCENA VII.

D. AFFONSO, IGNEZ, e PACHECO.

D. Affonso.

RETIRA-TE, atrevida;
De meus olhos te affasta; vai, que em breve
Te serão minhas ordens intimadas.

Ignez.

Humilde, e respeitosa hei de cumprillas.
Mas só te rogo que antes de punir-me,
Te dignes sem paixão sondar meu crime;
Pois se pezares bem os meus delictos,
Espero que me julgues desculpavel. (1)

SCENA VIII.

D. AFFONSO, e PACHECO.

Pacheco.

QUE insolente altivez ostentar ousa!..
Eu te lamento, ó Rei, quando te vejo

(1) Retira-se Ignez, e D. Affonso fica pensativo, em quanto Pacheco falla.

Na dura precisão de repellires
Da tua alma os impulsos compassivos,
Constrangido a punir asperamente,
Para evitar terriveis consequencias.

SCENA IX.

D. AFFONSO, COELHO, PACHECO, O EMBAIXADOR.

Embaix.

A FILHA do meu Rei, que te saúda,
Já dos Dominios teus piza as fronteiras;
Mas o boato geral de que teu filho,
Por violenta paixão alucinado,
De Beatriz ao consorcio se recusa,
Aos ouvidos chegou do meu Monarca,
Que me ordena te diga, e te assegure,
Que se com tal repulsa, em seu desdouro,
O tratado solemne for violado,
(O que elle não espera) dignamente
Saberá sustentar a toda a força
O decóro da filha, e do seu Throno.

D. Affonso.

Dize da minha parte ao teu Monarca,

Que para dissipar seus vãos receios,
Bastaria lembrar-se que os Reis Luzos,
Fidelissimos sempre, seus tratados
Sabem desempenhar: não porque temão,
Quaesquer que sejão, estrangeiras forças;
Mas por dever, por gloria, e por costume.
E para lhe mostrar como procedo,
Hoje mesmo destérro de meus Reinos,
E á sua guarda entrego Ignez de Castro,
Que elle julga estorvar da Infanta as nupcias.
Podes certificar-lhe que consorte
Ha de meu Filho ser da Filha sua.

Embaix.

Nem era de esperar que hum Rei tão sabio,
Procedesse jámais d'outra maneira.
Prompto vou expedir ao meu Monarca
A plausivel resposta, que lhe envías,

SCENA X.

D. AFFONSO, COELHO, e PACHECO.

D. Affonso.

Sem demora, Pacheco, apromptar faze,
Para Ignez conduzir, segura escolta:

Vai, Coelho, dizer-lhe, que se apreste:
Partirá hoje Ignez para Castella,
E meu filho comigo para a Corte.

Coelho.

Oxalá que assim seja! Mas duvido.
Em castigar avaro em demazia,
Além de ser, Senhor, simples desterro
Aos delictos de Ignez pena mui leve;
Receio que de horriveis attentados
Seja origem fatal este projecto.
Fôra talvez melhor lançar mão logo
Dos efficazes, ultimos remedios.
Eu conheço o caracter de teu filho:
Mal souber que roubar-lhe Ignez intentas,
Dos filiaes deveres esquecido,
Com braço armado, temo que se atreva
Contra seu proprio Pai.

D. Affonso.

Nem tal profiras:
Não faças a meu filho essa injustiça:
De tão feio attentado basta a idéa
Para me horrorizar. Hide ligeiros
Fazer que as minhas ordens se executem.
Ah! Se alguem se atrevesse a contravillas,
Seu tremendo castigo serviria
De memorando exemplo ao Mundo inteiro.

ACTO III.

SCENA I.

IGNEZ só.

Ignez.

MIZERANDA!.. Que trance! Oh desventura!..
Oh sentença cruel!.. Venceste, oh Fado.
Apraziveis lugares, testimunhas
Do mais ardente amor, ah! para sempre
A mal-fadada Ignez de vós se aparta..,.
Quanto fóra melhor, quanto mais doce
Deixar a vida, que o amante!..
Que!.. Eu!.. deixar o amante?.. oh caro Esposo!..
Oh Ceos! podeis mandallo, ou permittillo?
Sereis tambem crueis como os humanos?
Condemnareis os mesmos, que soprastes,
Sentimentos d'Amor, da Natureza?...
Para hum castigo tal quaes são meus crimes?..
Se me queres punir, Deos de vingança,
Os raios tens nas mãos, accende os raios,
Meu terno coração reduze ao nada;

Mas d'outro coração a que o ligaste,
Separallo jámais... Ah! nem tu mesmo,
Nem tu, que podes tudo, tanto podes.
Que proferes, blasfema! Aos Ceos te atreves?..
Oh virtude! oh razão! Desamparais-me?..
Aos teus deveres torna, entra em ti mesma.
Aonde, Ignez, está tua constancia?
Orgão do Ser Supremo, hum Rei te ordenà,
Que do Esposo te apartes; não resistas;
He força obedecer; enfrea n'alma,
Suffoca as afflicções, cala os queixumes.
Co'as desgraças os crimes não mistures.
Mas deixallo!.. ai de mim!.. Deixallo!.. Agora,
Agora he que eu conheço as furias todas,
Toda a fôrça d'amor; elle triunfa
Da razão, da virtude, e dos Ceos mesmo.

SCENA II.

IGNEZ, e ELVIRA.

Elvira.

SENHORA... (Ai triste!.. o pranto me suffoca!)
Se he certo que ímpias ordens te condemnão
A deixar Portugal, a triste Elvira,

Que protestou viver, morrer comtigo
Sempre junto ao teu lado a qualquer parte
A que te arroje a sorte, ha de seguir-te:
Confio que esta graça me concedas.

Ignez.

Ah! não venhas juntar aos meus pezares
O quadro da Amizade consternada:
Para esmagar-me o coração sensivel
Bem basta Amor, a Natureza basta.
Não posso resistir a tantos males,
Aos golpes da saudade que retalhão
Da atribulada Ignez o peito afflicto.
Mais pranto com teu pranto não me arranques,
Que a hum terno coração inda mais custão
As lagrimas que move, que as que verte.
Sim, mesmo o ser amado he hum bem funesto,
Que exacerba a desgraça aos desgraçados,

Elvira.

He possivel haver almas tão duras,
Que hum tão sensivel coração flagellem!..
Mas ah!.. Porque aos pezares succumbimos?
D. Pedro he teu Esposo; elle ha de oppôr-se
Defensor poderoso em teu soccorro;
Ha de frustrar da tyrannia as ordens;
Nelle pois confiemos: a excitallo
Bastarão tuas lagrimas...

Ignez.

Que dizes!

Que terrivel idéa me despertas!
Em vez de confortar-me, vens, Elvira,
Abater-me a constancia, aconselhar-me
A que contra seu Pai revolte hum filho?..
Ah! Não... Embora Ignez infeliz seja;
Mas nunca origem de rebeldes crimes:
Amortecida já, mas inda accèza
Brilha a luz da razão dentro em minha alma.
Não consintaes, oh Ceos! que amor a apague;
Fortalecei meu peito. Sim, eu devo,
Eu devo submetter-me ao meu destino:
Cumprão-se as duras leis do duro fado:
Amargurada hirei longe do Esposo
Acabar entre as garras da saudade...
Porém os caros filhos... Ah! comigo,
Comigo os levarei. Doces penhores
Do mais constante amor, sereis ao menos
Na minha adversidade terno alivio...
Entre os meus braços sempre, sempre unidos
Da inconsolavel Mãi ao peito anciado,
Cobertos de caricias, de suspiros,
Banhados com meu pranto, em seus semblantes
O semblante verei do Esposo ausente.
Aprenderão de mim... Mas ah! que digo!..

Quereria eu acaso, associando
Ao pavoroso horror do meu destino
O destino dos filhos innocentes,
Tolher sua ventura?.. Não; entregues
De seu Pai aos desvelos, abrigados
A' sua sombra fiquem; lembrem-lhe elles
A misérrima Ignez continuamente...
O retrato da Mãi nos filhos veja,
Que eu memorias do Esposo não careço;
No coração gravada a sua imagem,
Ante os meus olhos sempre ha de seguir-me,
Ha de, em quanto viver, viver comigo,
E comigo baixar á sepultura.

SCENA III.

D. PEDRO, IGNEZ, e ELVIRA. (1)

D. Pedro.

IGNEZ, querida Esposa... Mas que vejo!..
Debalde buscas enxugar teu pranto:
Aos olhos de hum amante nada escapa.

---

(1) Ignez, apenas vê D. Pedro, busca enxugar as lagrimas. Elvira afasta-se para o fundo da Scena, e pouco depois se retira.

Impressas no teu rosto bem diviso
As afflicções que o coração me partem.
Que motivo... Mas devo eu perguntallo?
Não sei assaz a origem dos teus males?..
Eu sou, sim, sou eu mesmo o teu flagello;
Mas o teu defensor, o teu Esposo:
Nada recêes pois, nada te afflija...
Porém as tuas lagrimas se dobrão?..
Oh Ceos!..

Ignez.

Amado Esposo, não repares,
Não te afflijas co'as lagrimas que chóro:
As tuas expressões, tua presença
Aggravão minha dôr, meu pranto augmentão.
Ah! pelos tristes olhos sahir deixa
Meu coração em lagrimas desfeito.

D. Pedro.

Antes em borbotões todo o meu sangue
Eu quero ver correr, do que o teu pranto.
De tua alma desterra vãos temores,
Extermina os pezares, não succumbas
Aos males transitorios que te opprimem.
Os caprichos do Fado, a desventura
Calcaremos aos pés: sim, cara Esposa,
Sempre unidos seremos venturosos.

Ignez.

Unidos dizes tu?.. Oh Ceos!.. Unidos?..

D. Pedro.

Pois quem, quem poderia separar-nos?

Ignez.

O rigor... Ai de mim! Que vou dizer-lhe?..
Que raio a triste Ignez vai fulminar-te?..
Poupar teu coração, oh Ceos! quizera;
Porém eu a deixar-te não me atrevo,
Sem que te diga adeos... Ah! caro Esposo!
Aperta-me em teus braços, e recebe
As minhas derradeiras despedidas.

D. Pedro.

Que escuto!.. Que acontece?.. Ignez, que dizes?..

Ignez.

Para sempre de ti vou separar-me.

D. Pedro.

Separar-te de mim!

Ignez.

Atroz conflicto!..
Caro Príncipe, Esposo, não te esqueças
Da desditosa Ignez... Mas ah! que digo!
Esquece-me se podes; sê ditoso;
Vive, vive feliz: Eu só te rogo,
Que dos queridos filhos te encarregues;
Que affagues sua infancia, que os ampares;

Que os defendas da inveja, da impiedade:
Não cogites de mim, delles só cuida,
He forçoso ceder ás leis do Fado:
Longe de ti, mirrada de saudades,
Vou exhalar meus ultimos suspiros.

D. Pedro.

Oh desesperação! Que idéa horrivel
Surge dentro em minha alma! Acaso (eu tremo!)
Atrever-se-ha meu Pai...

Ignez.

Aos seus preceitos
Obedecer devemos: intimados
Me forão já: de Portugal banida,
Partir devo hoje mesmo para Hespanha.

D. Pedro.

Oh Furias! He possivel? Rei tyranno,
Não levarás ávante os teus projectos...
Nem elle, nem os Ceos, nem os Infernos
Poderão arrancar-te de meus braços.
Desenganallo vou, parto a fallar-lhe:
Trema o cruel de mim, se não revoga
A barbara sentença.

Ignez.

Oh Ceos! Que fazes?

SCENA IV.

D. PEDRO, IGNEZ, e D. SANCHO.

D. Sancho.

Teu Pai, Senhor, te busca: Tudo prestes
Para voltar á Corte... Mas que vejo!
Elle mesmo he quem vem.

D. Pedro.

Querida Esposa,
Retira-te, eu to rogo... Nada temas.

Ignez.

Eu me retiro, sim; mas só te imploro,
Que te lembres que hes filho, e que hes Vassallo.

Vai-se.

D. Pedro.

Mas Esposo tambem, que he mais que tudo.

SCENA V.

D. AFFONSO, D. PEDRO, e D. SANCHO.

D. Affonso.

Então, quem nestes sitios te demora?
Eia, segue-me já.

D. Pedro.

Quem, eu!.. seguir-te?..
Abandonalla! Não, não te obedeço.

D. Affonso.

Que escuto, oh Ceos!

D. Pedro.

Inda não disse tudo.
Attende-me, Senhor: he necessario
Declarar-me comtigo; o véo se rasgue;
He tempo, he tempo emfim que me conheças.
Entra em meu coração desesperado,
De virtudes capaz, capaz de crímes,
Se a crimes o excitar a tyrannia.
Sabes que adoro Ignez, e projectavas
Rouballa ao meu amor? Que infernal furia
Te aconselha a punir huma innocente,
Que he só culpada se a virtude he crime?

E esperavas acaso que eu pudesse
Cobarde tolerar seu menor damno,
A injustiça maior sem defende-la,
Sem oppôr-me aos designios da impiedade?
Eu fôra dos mortaes o mais abjecto,
Se deixasse opprimir...

D. Affonso.

Ah! Não prosigas:
Emmudece, rebelde. Não sei como
Reprimir posso a cólera... Que arrojo!..
Ousas tu murmurar dos meus Decretos?..

D. Pedro.

Não só murmuro, atrevo-me a frustrallos.
A razão, e os Ceos mesmos me auctorizão.
Defendo a minha Esposa.

D. Affonso.

A tua Esposa!..

D. Pedro.

A minha Esposa, sim: Sabe que os laços
Do sagrado Consorcio a Ignez me ligão.
Intentarias pois inda opprimilla?..

D. Affonso.

Não julgues illudir-me, não te creio:
A tão subtil ardil em vão reccorres.
Que! Esposa de meu filho huma Vassalla!..

D. Pedro.

Huma Vassalla, sim, para quem fôra
Do Mundo todo o Imperio inda pequeno:
Não duvides, Senhor. Que encontras nella
Que indigna de teu filho julgar possas?
Eu não quero fallar do Regio sangue,
Que dos seus ascendentes derivado,
Lhe circula nas veas: outros dotes
Mais bellos, mais sublimes a ennobrecem:
Vassalla, a quem os Ceos prodigos derão
Todas as perfeições que os Ceos dar podem.
Para ser do teu filho digna Esposa,
Ser filha de Monarcas não precisa.
Se Ignez he virtuosa, que lhe falta?
Quem mais digna do Throno que a Virtude?
Mas dos seus predicados prescindamos.
Castro he minha Consorte, tanto basta:
He Princeza, por tal a reconhece,
E o decoro lhe guarda de que he digna.

D. Affonso.

Sim, tratada será como merece...
Brevemente o verás.

D. Pedro.

Olha o que fazes:
Não queiras constranger-me inexoravel
A perpetrar horriveis attentados:

Se como Pai benigno, e Rei clemente
Praticares comigo, has de em mim sempre
Encontrar hum Vassallo respeitoso,
E hum filho obediente; mas se acaso
Insistes em roubar-me a cara Esposa,
Hum mortal inimigo em mim contempla,
Que cégo, furioso, e desesp'rado,
Sem attender senão aos seus transportes,
Será capaz de horrendos sacrilegios.
Evitando-os, atalha huma injustiça:
Revoga pois a barbara sentença.

D. Affonso.

Sim, por outra mais justa, revogada
(Descança) ella vai ser. Espadanado
Ha de em teu coração da infame o sangue
As chammas apagar que te devorão.

D. Pedro. (1)

Primeiro que o seu peito a ferir chegues,
Hão de ser-me as entranhas arrancadas:
Ha de em rios correr todo o meu sangue...
A o teu sangue tambem se for preciso.

D. Affonso.

Oh Ceos!.. tremo de horror!..

D. Sancho.

Senhor, que fazes?

(1) Desesperado.

Ousas contra teu Pai?

D. Pedro.

Ah! Que proferes?
Pai? eu tenho inda Pai?.. (1) Não, não, tyranno,
Tu meu Pai já não hes: não sou teu filho...
Hum cruel como tu... porém que digo!..
Cõ quem fallo?.. onde estou?.. quem me arrebata?
O Inferno, as furias todas me espedação...
Quem falla não sou eu, trovejão ellas...
Sacrilego!.. que fiz!..

D. Affonso.

Ceos! estais surdos!..
Onde os raios estão, que inda não chovem
Sobre hum monstro, que tanto os desafia?..
Vingança!.. Maldições!..

D. Pedro.

Tudo mereço.
Ah! se os Ceos inda immoveis não fulminão,
He talvez que assombrados de escutar-me,
A desprender os raios não se atrevem.
Debaixo de meus pés tremendo a terra,
Quer abrir-se, e não ousa devorar-me...
Até mesmo os abysmos se horrorisão
De hum monstro, que soltou tantas blasfemias...
Oh furor!.. Oh remorsos!.. Crime horrendo!..

(1) A D. Affonso, no mesmo frenetico arrebatamento.

Mas sabe o Ceo, Senhor, que involuntarias
Não teve o coração parte nas vozes,
Que por meus labios despejou o Inferno...
O Inferno todo que no peito encerro.
Não me julgues capaz... porém que digo!..
Infeliz!.. Desculpar-me intento ainda!..
Horror da Natureza, e de mim proprio,
Nem me atrevo, Senhor, a supplicar-te
O perdão... Não, eu delle não sou digno.
Do pezo da existencia me alivia;
Vinga da Natureza as leis sagradas,
O respeito devido á Magestade,
Que atropelei feroz: eterno exemplo
Tu deves dar em mim ao Mundo inteiro.
Salpicadas de sangue estas paredes,
Que ouvirão minha voz blasfemadora,
Aos seculos vindouros apregoem
Meu lastimoso fim: ao vellas tremão
As Gerações futuras de imitar-me. (1)
Eis-me a teus pés prostrado; vibra o ferro;
Eis meu peito, retalha-o: não te lembres
Que foste já meu Pai... sou delinquente:
Lembra-te só que hes Rei, castiga o crime.
Porém... ah! não flagelles a virtude...

---

(1) Prostra-se aos pés de Affonso.

Se me deves punir como culpado,
Ignez como innocente absolver deves.
Não me custa morrer; porém não posso,
Não posso consentir que Ignez padeça . . .
Nem ha de padecer em quanto eu viva.
Pertender separar-nos he debalde;
Té duvido que a morte possa tanto . . . (1)
Releva ao meu amor estes transportes . . . (2)
Eu sou sensivel . . . amo . . . e sou amado.

D. Affonso.

Todos os meus sentidos perturbados,
Cheio de ira, e de horror... nem fallar posso...
Affastem-me da vista esse rebelde.
Ao proximo Castello conduzido,
Seja em prizão segura aferrolhado:
Sua guarda, D. Sancho, eu te confio;
Em quanto justiçoso, inexoravel,
Em Conselho d'Estado não decido
Qual ser deva o castigo de seus crimes,
E o supplicio da infame, que os motiva.
Treme do meu furor, malvado, treme:
Este dia talvez, dia horroroso!
Será na longa serie das idades,

---

(1) Tornando em si.
(2) No tom mais pathético.

De eterno espanto a Portugal, e ao Mundo.

Vai-se.

SCENA VI.

D. PEDRO, e D. SANCHO.

D. Pedro.

INDA mais horroroso do que pensas
Certamente será, se não desistes
De tão crueis designios. Que impiedade!
O suplicio d'Ignez! Da minha Esposa!...
Como posso deixar de rebellar-me?
Como evitar hum crime necessario,
Que o dever, e a ternura me prescrevem?..
Hum crime disse?.. Ah! não; longe os remorsos;
Defender huma Esposa não he crime;
Crime fora deixalla ao desamparo.
Longe, maximas vãs, leis oppressivas,
Que a tyrannia impoz sobre a ignorancia.
Nada se deve aos pais pela existencia:
Seus desvellos depois, seus beneficios
São os titulos só que lhes conferem
A' nossa obediencia hum jus sagrado.
Meu coração revoca os seus direitos:

Arrependo-me só de arrepender-me
Pelos ter justamente sustentado.
Querias, Rei cruel, aferrolhar-me
Em segura prizão, para a teu salvo
Me poderes roubar a cara Esposa?...
Debalde o projectaste, não....

D. Sancho.

Deliras!...
Qne intentos são os teus?... Rezistir queres
A's ordens de teu Pai, que enfurecido.....

SCENA VII.

D. PEDRO, D. SANCHO, e D. IGNEZ.

Ignez.

Esposo, que fizeste?... Oh Ceos! eu tremo!..
Da tua voz medonha horriveis éccos
Inda nestas abobadas retumbão;
De furor suffocado, o rosto em fogo,
Affonso espavorido, a longos brados
Chama pelos atrozes Conselheiros:
Certamente faltando-lhe ao respeito,
Lhe exacerbaste as iras. Que fizeste?

D. Pedro.

Menos inda talvez do que devia.
Não te importe o que fiz, faze o que digo.
As furias não receies do tyranno:
Vai subito buscar os tenros filhos,
E dispõe-te a seguir-me.

Ignez.

Como!... Aonde?...

D. Pedro.

Deixemos estes sitios, onde imperão
A discordia, a injustiça, a iniquidade.
Evitemos o extremo dos horrores:
Acompanha-me, Esposa, senão queres
Ver-me inda parricida.

D. Sancho.

Oh Ceos!

Ignez.

Que insania!
Ah! Que dizes? Que intentas?

D. Pedro.

Defender-te,
E possuir-te em paz; poupar-me ao crime.
A tua vida, Ignez, ameaçar ousão;
Affonso pertendia encarcerar-me,
Talvez para ordenar o teu supplicio:
Atreveo-se a dizer-mo: he necessario

Fugir-lhe; ou repellir com braço armado
Seus barbaros designios: eia, vamos,
Não te demores mais.

Ignez.

Eu desfaleço!...
Desgraçada!... onde queres conduzir-me?

D. Pedro.

Se necessario for, ao fim do Mundo:
A meu lado segura, em qualquer parte
Seremos venturosos; êrmas grutas,
Morada simples de prazeres puros,
Mais gratas nos serão que aureos Palacios,
Habitação fatal dos males todos.

Ignez.

Que me propões, Senhor! A voz me falta...

D. Sancho.

Ah Principe! Contempla o precipicio
Em que vás despenhar-te, e a que me arrastras.
Responsavel por ti...

D. Pedro.

A nada attendo.
Podes tambem, querendo, acompanhar-nos.

Para D. Sancho.

Sim, eu to rogo, vem... De cans coberto
Tens conhecido assaz o ár pestilente,
Que nas Cortes costuma respirar-se,

Hálito venenoso que derramão
A traidora lisonja, a fraude, a intriga,
Que em tôrno aos Solios quasi sempre gyrão.
Longe de tanto horror, ah! vem ao menos
Gozar em paz o resto de teus dias.

D. Sancho.

Feliz eu, se hontem fosse o derradeiro!
Ah! querias que proximo ao sepulcro
Fôsse ao meu Rei traidor? Que concorresse
Para hum tal desatino?...: Eu que incumbido
Da tua educação (funesto emprego!)
Por elle mesmo fui, socio seria
Em teus crimes, soffrendo que infringisses
Teu dever!...

D. Pedro.

Qual dever? futeis quimeras!
O primeiro dever he ser ditoso,
He seguir d'alma o natural instincto.
Vamos, querida Ignez. ...

Ignez.

Oh Deos! Que trance!..
Frenetico... ai de mim!... que premeditas?
Teu nome, tua gloria offuscar queres?
Seria a triste Ignez tão desgraçada,
Que, origem de teus crimes, tolerasse

A infamia de te ver por seu respeito
A Patria abandonar, e o Throno excelso?...
Ah! que diria o Mundo...

D. Pedro.

Que diria?..
Que o esplendor do Solio não deslumbra
Huma alma como a minha. Eu nada perco
Em deixallo por ti, não, cara Esposa;
Vale mais ser feliz, que ser Monarca.

Ignez.

E póde ser feliz quem atropella
Da sociedade as leis, do sangue as vozes!
Ah! Desiste, Senhor, de teus projectos;
Obedece ao teu Rei: jámais esperes,
Que eu approve, ou consinta os teus delirios:
Nem te deixo partir, nem te acompanho...
Eu não quero roubar a hum Pai seu filho,
Nem tolher a ventura aos Lusitanos,
Privando-os do melhor dos seus Monarcas.
Se os meus rogos...

D. Pedro.

Teus rogos são inuteis:
Que! recuzas, Ignez, acompanhar-me?...
Ah! não vês nestes sitios horrorosos
Gyrar em torno a nós, a morte, e os crimes!

Ignez.

He para os evitar, que eu te não sigo.
A honra, a gloria valem mais que a vida.
Entre os crimes, e a morte, a morte escolho.
Mas ah! porque tão proxima a divisas?
Decretou-ma teu Paí? Nada me encubras:
Sabe elle já que em vinculo sagrado...

D. Pedro.

Tudo lhe revelei: mas o tyranno,
Fingindo não poder acreditar-me,
Orgulhoso, tenaz em seu capricho,
Ameaçou-me... que horror! com teu supplicio;
E, para a seu sabor poder julgar-te,
Em segura prizão manda encerrar-me
No proximo Castello. He pois forçoso...

Ignez.

Obedecer-lhe, sim.

D. Pedro.

Obedecer-lhe?...

Ignez.

Indispensavel he: vai, caro Esposo,
Submisso aos Paternaes Regios preceitos,
Eu to rogo, Senhor, á prizão corre.
Outro meio não tens para salvar-me;
Nem eu por outro meio a vida quero:

Outra vez to asseguro, eu não te sigo;
Jámais conseguirás...

D. Pedro.

Basta: não queres
Estes sitios deixar? queres ver nelles
Derramados por mim rios de sangue?...
De huma austera virtude enthusiasmada
Ao parricidio, emfim, queres forçar-me?
Pois bem, a perpetrallo estou disposto.
Eu vou, sim, eu vou já...

Ignez.

Cruel, detem-te:
Meus gemidos, meu pranto já não podem
Mover-te o coração, domar-te as furias?
Onde o Imperio que Ignez tinha em tua alma?

D. Pedro.

Não te cances, debalde são agora
Teus rogos, o teu pranto, os teus gemidos:
Este dia horroroso he consagrado
A' desesperação, ao crime, á morte.
Inflammado em meu peito, só com sangue
Das furias o tição póde apagar-se.
Impedir ninguem póde, nem tu mesma,
Os golpes espantosos que o meu braço
Vai já descarregar.

Ignez.

Por mim começa:
Rasga-me o coração, da Esposa o sangue
Seja o primeiro sangue que derrames;
E se elle não bastar a saciar-te,
Aos sacrilegios todos te arremeça...
Que horror! Nem ouso em ti fitar meus olhos.
E's tu? Não, tu não és o meu Esposo;
O meu Esposo detestava os crimes;
Eu amava hum consorte virtuoso;
Virtudes já não tens, já te não amo.
Vai, monstro sanguinario... Mas que disse?
Eu deixar de te amar?... Não me acredites:
O terno coração desmente as vozes,
Que a meu pezar, de ouvir-te horrorisada,
Sem tino proferi... Olha o meu pranto. (1)
Abatida a teus pés, co'elles me abraço...
Ou tu has de ceder aos meus lamentos,
Ou ver-me aqui morrer, e aos pés calcar-me.

D. Pedro.

Oh Ceos!... Querida Esposa. (2)

Ignez.

Eu não te deixo,
Daqui me não levanto, sem primeiro

(1) Prostra-se, e abraça-se com os pés de D. Pedro.
(2) Enternecido querendo levantar Ignez.

De tua alma banir as negras furias;
Sem que tu me promettas obediente
Hir subito cumprir as Régias ordens.
Ah! Se tu amas inda as minhas preces,
Não has-de resistir...

D. Pedro.

Nem já resisto. (1)
Deixar de obedecer-te, ah! quem, quem póde!..
Para a prizão já parto. (2) Amigo, vamos. (3)
Poderás duvidar inda do imperio
Que em meu coração tens?

Ignez.

Oh Deos! Confôrto! (4)
Não me retalhes mais o peito afflicto. (5)
A' tremula razão ceda a ternura;
Não te demores mais...

D. Pedro.

Mas tu...

Ignez.

Socega:
Nada temas por mim: o Ceo me inspira
Os meios de abrandar de Affonso as iras.

---

(1) Levanta D. Ignez.
(2) A D. Sancho.
(3) Voltando-se para Ignez, e com a maior ternura.
(4) Voltando-se ternissimamente.
(5) Affectando tranquillidade.

Hirei c'os filhos a seus pés prostar-me:
Ninguem resiste á voz da natureza:
Por mais duro que seja o seu caracter,
Se tem hum coração, ao ver os Netos
Abraçados em mim, chorar comigo,
Não poderá deixar de commover-se,
De perdoar-me em fim; nada receies.
Adeos, Esposo, adeos. (1)

D. Pedro.

Ceos! que suplicio! (2)

ACTO IV.

SCENA I.

COELHO. e PACHECO.

Coelho.

Vão decidir-se em fim nossos destinos:
Este o dia arriscado em que a Fortuna

(1) Muito a seu pezar precipitadamente se retira.
(2) Parte para a prizão com D. Sancho.

Segura mão nos dá, ou nos despenha
Ou morre Ignez de Castro, ou nos perdemos.
Resolutos a tudo, he necessario
Os p'rigos affrontar: deve hum valído,
No cume da grandeza vigilante,
Aos Adversarios seus tramando a ruina,
Primeiro que o derribem, derriballos;
O futuro prever, prever a intriga,
E destro em conhecella, e manejalla,
A vida antes perder que o valimento.
Nosso plano atéqui tem produzido
O desejado effeito. Affonso irado,
O Principe em prisão, tudo parece
Prometter-nos hum exito ditoso.
Tens tu já prevenido alliciado
Os poucos Conselheiros que nos restão?
Constantes votarão de Ignez a morte?

Pacheco.

Apenas lho propuz, m'o assegurárão;
Dependentes de nós em gráo mais baixo,
A hum leve aceno autòmatos flexiveis,
Eccos da nossa voz, a nosso grado
Amoldando-se a tudo, a tudo prestes,
Servir nossos caprichos tem por gloria.
Entre todos D. Sancho unicamente
Velho estoico, singello em demasia,

Que as honras, e os empregos menoscaba,
Poderá combater nossos designios;
Mas Alvaro Gonçalves, que s' int'ressa
Igualmente que nós d'Ignez na morte,
Se incumbio de sondallo, e persuadillo.

Coelho.

Desnecessario he, que, encarregado
Da guarda de D. Pedro, elle não póde
Ao Conselho assistir. Nada mais resta
Do que azedar a cólera de Affonso,
Dar-lhe a beber na taça da Justiça
Adoçado veneno que o perturbe,
E a voz da compaixão d'alma lhe afaste.
Convem não perder tempo: aproveitemos
Propicia occasião. que fugir póde:
Vamos...

Pacheco.

Espera... (*Pensativo.*)

Coelho.

Que! tu desfalleces!

Pacheco.

Confesso que algum tanto perturbado
O coração não sei que me annuncia...
Calculemos melhor sobre o futuro.
Inda mesmo suppondo inevitavel,
Suscitada por nós, de Castro a morte,

He de temer que o Principe ferido
Na parte mais sensivel da sua alma,
Raivando inexoravel, desesp'rado,
Sobre nós descarregue atroz vingança.
Quem poderá suster ? . .

Coelho.

Tarde receas :
Nas bordas já do aberto precipicio,
He preciso transpollo, ou cahir nelle:
Retroceder o passo não podemos.
Assaz já sabe o Principe quaes sejão
As nossas intenções, nossos conselhos;
Seu odio contra nós he já sobejo.
Que lucraremos pois, se ora cobardes
Da começada empreza desistirmos ? . .
Apressar nossa ruina, exacerballa ?
Se foi razão bastante a conspirar-nos
Contra a vida de Ignez justo receio
De ver hum dia alçada sobre o Throno
A Irmã de nossos feros inimigos,
Que em nosso damno então fartar podessem
A perpetua aversão que nos jurámos;
Se a nossa ruina assim era infallivel;
Quanto mais o será tendo attrahido
Do Principe o rancor! . . . Proseguir firmes
He sómente o recurso que nos resta.

Morta Ignez, com o tempo talvez possa
O Principe, esquecendo-a, sujeitar-se
Ao Consorcio, que Affonso lhe prescreve,
E, apagada a paixão, ver-nos sem odio.
Ou victima talvez d'amor infausto,
De saudades mirrado, não podendo
Sobreviver a Ignez idolatrada,
D'Ignez á sepultura a dôr o arraste.
Affonso ha de entretanto defender-nos,
E se acaso abortarem finalmente
Nossos designios todos, então mesmo
Não me hei-de arrepender de o ter forjado:
Antes quero morrer, inda o repito,
Do que ser por meus émulos calcado,
Contemplados Irmãos d'huma Rainha,

Pacheco.

Sentimentos iguaes me fervem n'alma;
Eia, tudo se arrisque; prosigamos:
Descarregue-se o golpe derradeiro,
Inda que, errando-o, sobre nós desfeixe.
Eu parto a congregar os Conselheiros,
Segurar inda mais todos os votos;
E tu no entanto ao Rei procura, e move;
Sua cólera atiça; que eu não tardo,
Juntos os do Conselho, a vir chamallo.

Coelho.

Bem: não poupes promessas, nem t'esqueça
Desculpar ante o Rei sempre a D. Pedro,
Fazendo recahir de seus arrojos
Sobre Ignez tão sómente a culpa toda.
Affonso para aqui dirige os passos...
Não percas tempo, vai. (1)

SCENA II.

D. AFFONSO, e COELHO.

D. Affonso.

CRUEIS remorsos!
Horroroso castigo de meus crimes!..
Que tropel de afflicções, que acerbos males
Vem funestar o resto de meus dias!..
Infeliz Pai!.. Monarca desgraçado!..

Coelho.

Releva-me, Senhor, que ouse, pungido
Da dôr, em que o meu Rei vejo abysmado,

---

(1) Pacheco se retira, e D. Affonso entra na Scena pensativo.

Recordar-te que deves mitigalla.
Tua vida, Senhor, não he só tua,
Do teu Povo he tambem: ah! não, não queiras
A' força de afflicções abreviar-lha.
Sei quanto custa a hum Rei ouvir blasfemias
De hum filho, que feroz o não respeita:
Mas deves ponderar que hum tal arrojo
Tão desculpavel he, quanto he violenta
A funesta paixão de que instigado
Teu filho, a teu pezar, o perpetrára;
Delicto involuntario...

D. Affonso.

O seu delicto
Não he só filho da paixão que o céga:
Força maior o arrasta aos sacrilegios:
Mais que o seu ímpio arrôjo, o que me afflige,
He ver que assaz mereço hum tal castigo,
Das maldições celestes justo effeito.
Oh remorsos crueis!.. Era forçoso,
Que hum filho de tal Pai fosse rebelde.
Mais do que elle rebelde, filho ingrato
Eu fui, eu fui tambem... Ardendo em furia
Atrevi-me, que horror! a tomar armas
Contra Diniz meu Pai; movi-lhe a guerra,
Sublevei-lhe os Vassallos, assolei-os;
Cavei-lhe assim feroz a sepultura;

Todas as leis calquei da Natureza,
A Natureza agora quer vingar-se.
De hum Pai, que contra o Pai se revoltára,
E's sim, filho rebelde, és digno filho!
Mais me soffreo Diniz do que eu te soffro;
Mas tu has de igualar meus attentados,
Inda os has de exceder; talvez já tardas!
Nem vós podeis, oh Ceos! jámais impunes
Sacrilegios deixar tão execrandos.
Dos Avós implacaveis vingadores
São, por justo castigo, quasi sempre
Máos filhos os do Pai que foi máo filho.
Diniz! Grande Diniz! Sombra iracunda!
Terrivel sombra, que ante mim voltêas!
Sobre a minha cabeça criminosa,
Por mão do ousado neto, descarrega
O já tardío, merecido golpe...
Ah! Sim... bem vejo... ameaçador me apontas
O tremendo futuro, que m'espera...
Que flagello! Que horror! Que mar de sangue!..
Tristes Vassallos meus! Ah filho! Filho!
Suspende...

Coelho.

Que delirio te arrebata?..
Teu grande coração sentir não deve
Remorsos, que aos malvados só competem;

Passadas, leves faltas não recordes;
Males não temas, que atalhar bem podes.

D. Affonso.

Porque não vens, oh morte, alliviar-me
Do pezo da existencia, e de meus crimes!

Coelho.

Que seria de nós, se os Ceos te ouvissem?
Em desordens submerso, dessolado,
Comtigo Portugal acabaria.
Os clamores escuta do teu Povo,
Conserva-lhe o seu Rei: tão necessario
A teus tristes Vassallos jámais foste:
De mil calamidades ameaçados,
Só lhes póde valer tua justiça.

D. Affonso.

E como? De que modo evitar posso
Desordens, que a mim mesmo me soçobrão?

Coelho.

Do mal a causa extincta, o mal axpira;
Extingue a causa pois de tantos males:
Em quanto existir Castro, que os fomenta,
Debalde intentarás dar-lhe o remedio.

D. Affonso.

Que dizes? Condemnar Ignez á morte!
Tão graves são seus crimes, que mereção...

Coelho.

Os seus crimes, Senhor... Ah! por desgraça,
Nunca o Mundo vio crimes que brotassem
Tão funestas, horriveis consequencias:
Desnecessario julgo referillas;
Tu bem as sabes, pois assaz te affligem.
Do Principe ardilosa seductora,
Se teu filho he rebelde, se he blasfemo,
Quem, senão ella, o fórça aos sacrilegios!
Não vacilles, Senhor; o seu supplicio
Chega a ser, mais que justo, indispensavel.
Mas não basta o que eu digo a condemnalla:
Tens melhores, mais sabios Conselheiros,
Que juntar já mandaste; ouve os seus votos:
Que se elles zelo igual ao que me inflamma,
Por ti, pelo bem público, tiverem,
Hão de todos unanimes rogar-te,
Que o supplicio de Ignez logo decretes;
Pintar-te co'as mais negras, proprias côres
De Portugal a ruina, se o dilatas;
As dissensões crueis, a horrivel guerra,
Que a vingativa Hespanha vai mover-nos,
E de que os teus Vassallos, fatigados
Das recentes batalhas, já murmurão.
A Viuva, que o Esposo perdeo nellas,
Não quer perder agora o caro filho,
Nem o filho, que em lucto inda o Pai chora,

Desamparando a Mãi, expôr-se á morte.
Finalmente, Senhor, tudo te bráda
Que sacrifiques huma a tantas vidas;
Que deixes ao Futuro eterno exemplo,
Para que ninguem mais seduzir ouse,
A' imitação de Ignez, corações Regios.

D. Affonso.

Se assim o exige o público socêgo,
O Conselho decida o que for justo,
Que eu afflicto não sei o que obrar deva.

Coelho. (1)

Que vejo! Ignez!.. He muito! Inda se atreve
A vir apparecer-te?.. Ah! melhor fôra
Retirar-te, Senhor, sem dar-lhe ouvidos.

D. Affonso.

Vamos, sim... Porém não, devo escutalla.

Coelho.

Talvez os do Conselho já te esperem.

D. Affonso.

Vai tu juntar-te a elles, que eu não tardo.

---

(1) Avistando Ignez ainda fóra da Scena.

SCENA III.

D. AFFONSO, IGNEZ, ELVIRA, DOUS MENINOS FILHOS DE IGNEZ.

Ignez.

CHEGAI, filhos, chegai, vinde prostrar-vos
Aos pés de vosso Avô; vinde beijar-lhe
Pela primeira vez a Mão Augusta.
(1) Eis, ó Senhor, os filhos de teu filho,
Que vem com tristes lagrimas rogar-te,
Que desta triste Mãi te compadeças.
Chorai, chorai comigo, tristes filhos,
Intercedei por mim com vosso pranto,
Pranto mais expressivo do que as vozes,
Que a vossa tenra infancia não permitte:
Ajudai meus lamentos, minhas preces,
Impetrai meu perdão. Sim, Rei clemente,
Eis a Mãi desgraçada de teus Netos,
Que abraçada com elles te supplica,
Que a misérrima vida lhe conserves.

---

(1) Prostra-se com os meninos aos pés de Affonso, e Elvira se retira.

Sei que vai decretar-se o meu supplicio!
Alvo da intriga, victima da Inveja,
Temerosa, infeliz, desamparada,
A morte já diviso, a injusta morte,
Que raivosos, tyrannos Conselheiros,
Illudindo a piedade de tua alma,
Fulminão contra mim... Que atrocidade!..
Porque enormes delictos sou punida?..
Amar, Senhor, teu filho, e ser amada,
Crime acaso será digno de morte?
Imploro, ouso attestar tua justiça.
Ah! Consulta, Senhor, tua clemencia,
Teu coração consulta, que elle mesmo
Te ha de dizer, que a morte não mereço.

D. Affonso.

Levanta-te, infeliz... (1) Oh Natureza! (2)
Oh de hum Monarca rigidos deveres!..
Levanta-te, infeliz. (3) Funesta origem
Das crueis afflicções que me consternão...
Ao ver-te me enfureço, ... e me commovo...
O Pai quer perdoar-te ... o Rei não póde.

---

(1) Enternecido.
(2) Vai abraçar os netos, volta o rosto afflicto, e exclama.
(3) Levanta Ignez.

Ignez.

Ah Senhor! perdoar aos desgraçados
He dos Reis o poder mais doce, e augusto:
Sim, do teu coração segue os impulsos;
Triunfe a compaixão, e a natureza,
Não te has de arrepender por ser piedoso;
Antes porém se á morte me condemnas,
Hão de eternos remorsos flagellar-te,
Incessantes angustias consumir-te:
De Portugal a gloria, as esperanças
Vão sobre a minha campa espedaçar-se.
Verás por ti mandado á sepultura
Comigo, a teu pezar, descer teu filho.
Matando-me, Senhor, ah! vê que o matas!
Os nossos corações unidos ambos
Tão ligados estão, que o mesmo golpe
Que retalhar o meu, traspassa o delle;
Existir hum sem outro não podemos....
Por elle, e não por mim t'imploro a vida.
Sim, (1) de rojo outra vez tórno a abraçar-me
Com tuas Regias Plantas. Tem piedade
Da Esposa de teu filho. Ah! senão fossem
Estas doces prizões, que me constrangem
A viver infeliz, e amar a vida,

---

(1) Prostra-se outra vez aos pés de Affonso.

Longe de instar por ella, sem queixar-me,
Tranquilla recebêra o fatal golpe . . .
Mas deixar para sempre o que mais amo! . .
Sou Esposa, sou Mãi. . . Ceos! Desfalleço! (1)
Queridos filhos . . . Desgraçados orfãos! . .
E que será de vós quando vos falte
A mais terna das Mãis, o Pai mais terno! . .
Ah Senhor! Se inflexivel ao meu pranto,
A minha situação te não commove,
Presta ouvidos á voz da Natureza:
Mova-te a compaixão o desamparo
Destas victimas tenras, e innocentes:
Elles culpa não tem dos meus delictos.
Não te lembres, Senhor, que são meus filhos,
Ah! não: lembra-te só, que são teus netos . . .
Mas tu choras? Que vejo! Os Ceos me ouvírão:
Tuas lagrimas vem em meu soccorro,
Ellas o meu perdão já me annuncião.
Acaba de extinguir os meus temores,
Dize, dize, Senhor, que me perdoas.

D. Affonso.

Não posso resistir . . . Oh quem pudéra
Neste instante deixar de ser Monarca!

---

(1) Abraça os filhos com a maior ternura, e afflicção.

SCENA IV.

D. AFFONSO, IGNEZ, SEUS FILHOS, e COELHO.

Coelho.

Por ti, Senhor, se espera: vem, não tardes;
Que já começa o Povo a amotinar-se.

Ignez.

Oh Deos! Eu morro!

D. Affonso.

Ignez, não desesperes.
Inflexivel não sou: meu pranto o affirma;
Mas não posso faltar aos meus deveres:
Não sou senhor de mim; tenho Vassallos;
Perante elles, perante os Ceos, e a Terra,
De tudo quanto obrar sou responsavel;
Despotico não sou; mas sou piedoso.
Tens Affonso por ti, nelle confia:
Ao Conselho d'Estado vou eu mesmo
Tua causa advogar. Ceos, inspirai-me.

---

(1) Ignez apenas avista Coelho, levanta-se atemorisada.

SCENA V.

IGNEZ, e SEUS FILHOS.

Ignez.

DEBALDE seductoras esperanças
Por mais tempo illudir-me já não podem.
O coração me augúra que he chegado
De meus dias o termo desastroso.
Sim, proximos estais, queridos filhos,
A perder vossa Mãi... vinde a meus braços...
Em breve...ai triste!..em breve hão de faltar-vos
Os maternaes, ternissimos affagos...
Para sempre vos deixo... para sempre...
Cruel separação!.. dôr insoffrivel!..
Horrorosos momentos! Ceos!.. Nem posso;
Nem me atrevo... ai de mim! a ver meus filhos:
Quanto mais os contemplo, mais me afflijo...
De todo sinto já faltar-me o alento...
O coração rebenta... que anciedade!..
Ah! parece que a morte... ella já chega...
A descarnada mão... que horror! Espera...
Suspende, ó Morte... deixa que primeiro...
Meus filhos onde estão?.. quero inda vêllos...

Crueis, não m'os roubeis... Antes que morra,
Ao menos huma vez quero abraçallos...
Quem se atreve a arrancallos de meu peito?..
Ah barbaros!.. meu sangue... Esposo? Esposo?..
Onde estás, que não vens em meu soccorro!..
Mas em vão... Já he tarde... a sepultura...

SCENA VI.

IGNEZ, SEUS FILHOS, e ELVIRA.

Elvira.

Que vejo, oh Deos! (1)

Ignez.

Abertos os abysmos... (2)

Elvira.

Ignez... (que magoa!) Ignez...

Ignez.

Que!.. quem me chama?..
E's tu, Constança? E's tu, que vens ainda
Na habitação da morte perseguir-me?

---

(1) Corre para Ignez.
(2) Delirante ainda.

Elvira.

Torna, Senhora, em ti... Já não conheces,
Não vês a triste Elvira?..

Ignez.

Quem!.. Elvira...
E's tu? aonde estou?.. Ah! que me queres?

Elvira.

Mitigar tua dôr, chamar-te á vida.
Os alentos recobra, as esperanças:
Serás inda feliz, verás em breve
Trocados em prazer os teus pezares.

Ignez.

Prazeres para mim!.. ah!..

Elvira.

Que! não viste
As lagrimas do Rei, que o teu indulto
No enternecido aspecto promettia?

Ignez.

Qual quimerico indulto!.. Nada esperes:
Que importão suas lagrimas, que importa
Que perdoar-me queira, se o rodêão
Vís Cortezãos, escandalo do Throno,
Algozes da innocencia, féros monstros,
Sedentos do meu sangue, que ardilosos
Seu coração benigno senhorêão?
Elvira, a minha morte he infallivel;

Pouco póde tardar: antes que chegue,
Toma, toma estes orfãos innocentes,
Conduze-os á prizão ao meu Esposo;
Entrega ao triste Pai os tristes filhos,
E dize-lhe que Ignez... Mas ah, que faço!..
Retalhar quero do consorte o peito?
Co' a noticia fatal da minha morte,
O mortifero golpe anticipar-lhe?..
Ah! não; bem basta que de dôr expire
Quando entrar nesta lugubre morada,
Onde chamando em vão a extincta Esposa,
Tristes éccos sómente lhe respondão,
E tintas as paredes do meu sangue,
Luctuósos vestigios da consorte
A cada passo espavorido encontre.
Então, Elvira, então he que eu te rogo
Lhe digas... (1) Ah! parece que ouço passos...
Serão talvez meus barbaros verdugos...
Que cheios de furor, ardendo em raiva
Venhão cevar-se no meu sangue?..ai triste!..
Eilos que chegão... não m'engano... Elvira!
Vamos na minha Camara encerrar-nos:
Lá melhor poderei recommendar-te
O que exijo de ti: sim, vamos filhos.

---

(1) Olhando atemorisada em volta da Scena.

Quero morrer ao menos junto ao leito,
Que tem sido até agora testemunha
D'envenenados, rapidos prazeres,
Dos continuos remorsos do meu crime,
Das minhas afflicções, e do meu pranto.

ACTO V.

SCENA I.

D. AFFONSO.

D. Affonso.

Que afflicção, que tumulto n'alma sinto!
Vacillante, confuso, atribulado:
Mal posso respirar. Ceos! que tormento!
D'hum lado a compaixão, d'outro a Justiça...
Formidavel Justiça! em fim venceste.
Satisfeito estarás de vêr, tyranno...
O supplicio de Ignez... Oh Deos! e pude,
Tremendo, subscrever da sua morte
A rígida sentença!.. Eu me horroriso:

Dentro em meu coração queixosas sinto
Bradar a compaixão, e a natureza...
Que! surdo á sua voz, consentir devo,
Que á morte, a meu pezar, severamente
Seja a Mãi de meus Netos condemnada?
E por que crimes? por amar meu Filho?
Ah! não: he tempo ainda; revoguemos
A sentença cruel... porém que faço?..
O público socêgo, o bem do Estado,
O popular clamor, o exemplo, tudo,
Tudo em fim contra a triste me constrange,
E me estorva o prazer de perdoar-lhe.
Oh dura condição! pezado Sceptro?
E haverá quem dos Reis inveje a sorte?
Tormentoso lugar, terrivel Solio,
Assento d'afflicções, e de amarguras;
Desgraçados aquelles que te occupão!

SCENA II.

D. AFFONSO, e D. SANCHO.

D. Sancho.

Ah senhor! Se teu filho inda te he caro,
Senão queres privar os Lusitanos

Do herdeiro Augusto de teu Throno, e gloria;
Não percas tempo, evita, remedeia
A desesperação que o assassina.
Eu conter já não posso os seus transportes,
Nem vêr as afflicções que o despedação:
Humas vezes convulso, delirante,
Scintilando furor, acceso em raiva,
Morde, intenta romper os duros ferros
Da prisão, que o retem; blasfema, e brama:
Consternado outras vezes, abatido,
Em profundo lethargo, entre agonias,
Os olhos razos d'agua, o peito anciado,
Succumbe todo á dôr, cahe, desfalece.
Eis que subito agora por mim chama:
,, Vai, amigo, (me diz) corre apressado,
,, Saber da minha Esposa, e de meus filhos.
,, Certamente os perversos Conselheiros
,, Ousárão conspirar contra os seus dias:
,, Ah! procura meu Pai, por mim lhe falla;
,, Por mim de Ignez o indulto lhe supplica;
,, O Estado em que me vês lhe representa;
,, E se elle persistir inexoravel,
,, Protesta-lhe por mim... ,, Ah! nem me atrevo
A referir-te...

D. Affonso.

Basta: não augmentes
À minha confusão: oh Deos!

D. Sancho.

Perdoa:
Tu silencio me impões; mas eu não posso,
Não posso obedecer-te: o grande risco
Em que os dias do Principe contemplo,
O amor que lhe consagro, não permittem
Que eu cesse de clamar-te, que perdoes
A' miseranda Ignez, de cuja vida
A vida de teu filho está pendente.
Ignez já agora he de D. Pedro Esposa...
E até digna de o ser. Não acredites
Damnados corações; que seus contrarios,
D'inveja, d'ambição, de rancor cheios,
Intentão denegrir o seu caracter.
Vê, meu Rei, que te illudem: crêr-me deves:
Por meus labios fallou sempre a verdade.
Ignez huma alma tem singella, e nobre.
Sensivel de sobejo, a amar propensa,
Não pôde resistir a amar teu filho;
Seu delicto he só este, não tem outros;
D'outros não he capaz, e hum tal delicto,
Quando tantas virtudes o acompanhão,
He digno de perdão, he desculpavel.

(1) Perdoa-lhe, meu Rei, não diga o Mundo,
Que inflexivel, severo em demazia,
Nem de teu filho á Esposa perdoaste.

D. Affonso. (2)

Não, não ha de dizer. (3) Oh lá, D. Nuno! (4)
Deixar eu de ser Pai por ser Monarca?..
Ah! Não.

SCENA III.

D. AFFONSO, D. SANCHO, e D. NUNO.

D. Nuno.

Que determinas?

D. Affonso.

Apressado
Parte em busca de Ignez; aqui ma envia;
E aos duros Conselheiros participa,
Que a sentença revogo; a Ignez perdôo.

D. Sancho.

Graças, benigno Rei!..

---

(1) Prostra-se aos pés de D. Affonso.
(2) Depois de pensar hum pouco.
(3) Chamando para dentro da Scena.
(4) Comsigo mesmo.

D. Nuno.

Oh feliz Castro!
(1) Já proxima ao sepulcro á vida tornas.

SCENA IV.

D. AFFONSO, e D. SANCHO.

D. Sancho.

Que escuto! A' morte já sentenciada!..

D. Affonso.

Longe de nós lembrança tão funesta.
O Principe vai pôr em liberdade:
Que me venha abraçar; Ignez he sua.

D. Sancho.

Que jubilo! (2) Ah Senhor! Deixa que eu banhe
Tua mão generosa com meu pranto,
Suave pranto, que o prazer me arranca. (3)
Eu vou ... Sim; a alegria azas m'empresta:
Vou levar a D. Pedro a feliz nova,
Restituir-lhe vou a paz, e a vida.

---

(1) Partindo.
(2) Prostra-se, e beija a mão do Rei.
(3) Levanta-se.

SCENA V.

AFFONSO.

D. Affonso.

Oh mil vezes feliz todo o que póde
Venturosos fazer os desgraçados!..
Desafogado o coração já sinto...
Hum Rei sómente he Rei quando perdôa.
Minha alma d'antemão já saborêa
O jubilo de Ignez, e de meu filho,
D'hum, e d'outro os abraços, os transportes
A innocente alegria de meus netos...
Delicia dos mortaes, oh Natureza!
Cedão ás tuas leis as mais leis todas.

SCENA VI.

D. AFFONSO, e o EMBAIXADOR.

Embaix.

Condoido, Senhor da infeliz Castro,
Releva que eu me atreva a supplicar-te,

Que a decretada morte lhe perdoes:
Eu sei que a teu pezar foi condemnada,
Satisfação que dás ao meu Monarca,
Quando elle certamente, persuadido
Da tua fidelissima amizade,
Não quererá, Senhor, que lha confirmes
Com o sangue de Ignez, que inda he seu sangue.
Atrevo-me em seu nome a assegurar-to,
Rogando-te, pratiques generoso
A piedade que he propria da tua alma.

D. Affonso.

Muito folgo de ver teus sentimentos
Tão conformes aos meus; sim, eu espero,
Que o teu Rei me não culpe de piedoso.
A Ignez já perdoei; fiz mais ainda;
Reconheci-a de meu filho Esposa.
Não me atrevo a romper o nó sagrado,
Em que Hymenêo, e Amor os enlaçava,
Ignorado por mim, quando sincero
O tratado firmei, que promettia
Com Beatriz de meu Filho os Desposorios.
Deves pois ao teu Rei fazer sciente,
Das razões poderosas que os estorvão;
E por mim segurar-lhe ao mesmo tempo
Constante, inalteravel amizade.

Embaix.

Teu leal proceder, as razões todas
Que a decidir assim te constrangêrão,
Lhe exporei fielmente, e não duvides
Que tal resolução lhe agrade, e a louve.

D. Affonso.

Dictou-ma o coração, e de abraçalla
Não me hei de arrepender: nunca a piedade
Póde manchar as purpuras: se o Mundo
De Bruto inda com pasmo escuta o nome,
Mais saudoso de Tito o nome adora.
Porém que vejo!..oh Ceos!..D.Nuno em pranto...

SCENA VII.

OS DITOS, e D. NUNO.

D. Nuno.

Oh fereza!.. oh desgraça!..

D. Affonso.

Que acontece?..

D. Nuno.

A dôr, e o pranto, as expressões me tolhem...
Cheguei tarde, Senhor... Ignez...

D. Affonso.

He morta?..

D. Nuno.

Brevemente o será.

Embaix.

Oh Deos!

D. Nuno.

Debalde
A' misera e mesquinha perdoaste:
De seu preclaro sangue sequiosos,
Os Ministros crueis se antecipárão...

D. Affonso.

Oh detestaveis, sanguinarios monstros!
E pudestes... acaba.

D. Nuno.

Mensageiro
Da piedosa faustissima noticia,
A' Camara de Ignez veloz caminho;
Pouco distante já de seus lamentos
Parece que as abobadas gemião:
Acceléro inda mais ligeiros passos,
E ao tempo que os crueis descarregavão
Sobre o peito d'Ignez os duros golpes,
Entro...(que horror!) perdão, perdão, exclamo:
A' palavra *perdão* os ímpios tremem,
E até da mão os ferros lhes cahírão:

Em vão porém; que o sangue já corria.
Servírão só meus gritos de que fosse
A ferida talvez menos profunda.
Então Coelho, e Pacheco, estatuas ambos,
Como espantados do seu crime horrendo,
Sem proferir palavra largo tempo,
Olhando hum para o outro espavoridos,
Apenas a final dizer poderão:
,, Não ha mais que hum recurso; eia, fujamos; ,,
E subito os crueis desapparecem.
Ignez desfalecida, mal ouvíra
Que tu lhe perdoáras, levantando
As mãos aos Ceos, e os macerados olhos,
Mil vezes te bemdiz, por ti mil vezes
Aos Ceos envia fervorosas preces;
Cheia de gratidão, inda o seu rosto
Entre as sombras da morte parecia
Que ao proferir teu nome s'alegrava;
Em quanto as tristes Damas, que a rodêão,
O sangue de seu peito estancar buscão,
,, Por ultimo favor (lhes diz) imploro,
,, Que á presença d'Affonso me conduzão:
,, Inda quero ir beijar-lhe a mão clemente,
,, E a seus pés espirar agradecida. ,,
C'os filhinhos ao lado a mal fadada,

Buscando-te, Senhor, para estes sitios
Já com tremulos passos se encaminha.

D. Affonso.

Oh destino!.. Oh fereza!.. Infeliz Castro!..
Filho infeliz!.. Mais infeliz do que ambos,
Atribulado Pai!.. Todos os males,
As furias, as desgraças, e os remorsos
Desde o berço ao sepulcro me acompanhão.
Nasci para flagello dos humanos,
Para opprobrio nasci da natureza:
Portugal, dos seus Reis na clara historia,
Chamará com razão ao quarto Affonso
Máo Irmão, Filho ingrato, e Pai tyranno.
O culpado sou eu de Ignez na morte,
Eu que, pelos perversos enganado,
Tarde o grito escutei da humanidade.
Ah! fujamos, fujamos destes sitios,
Que a vêr a desgraçada não me atrevo...
Mas ai de mim!.. As forças me abandonão:
Eis ella chega... Amigos, soccorrei-me;
Afastai-me daqui...

SCENA VIII.

OS MESMOS, IGNEZ, OS DOIS MENINOS SEUS FILHOS, ELVIRA, E DUAS AIAS. (1)

Ignez.

Ah! Não me fujas...
Não me fujas, Senhor... toma os teus Netos...
Para t'os entregar, agonisante,
O Maternal amor aqui me arrastra...
Tristes orfãos, adeos... Adeos, meus filhos...
Nas tuas mãos, Senhor, os deposito...
Em teu bom coração abrigo encontrem...
Ampare-os seu Avô, já que a Mãi perdem...
Possão elles hum dia, de ti dignos,
Dignos filhos do Pai mais virtuoso,
Com virtudes iguaes, egregios feitos,
Compensar-te o perdão, que me outorgaste...
E por ultima graça me concede,
Que inda antes d'espirar meu Pai te chame.

---

(1) As Aias sustentão nos braços Ignez, que vem ferida.

D. Affonso.

Chama-me o teu algoz ; não queiras dar-me
O doce nome que me não compete:
Bem quizera eu tambem chamar-te Filha:..
Mas não me atrevo, não ; a Natureza,
Se visse por meus labios profanado
Nome tão deleitoso, estremecêra...
Teu sangue está bradando; tu só deves
O cruel detestar, que te assassina ;
Mas bem vingada estás; mais desgraçado
Mil vezes do que tu, mil mortes soffro.
Ah! poupa ao teu verdugo o horror de ver-te
Exhalar d'alma os ultimos arrancos...
Eu vou, sim, porque até minha presença
Deve ser a teus olhos odiosa. (1)
Ninguem me siga, ah! não; deixem-me todos,
Fujão todos de mim; quero esconder-me
A todos os viventes, té que possa
Nos abysmos sumir-me para sempre. (2)

---

(1) Vai a partir, e vendo que D. Nuno o quer acompanhar, volta-se, e diz.

(2) Parte arrebatadamente.

SCENA IX.

OS MESMOS, EXCEPTO AFFONSO.

Ignez.

Ah Senhor!.. mas debalde; não me attende;
Inda mais este golpe!.. Não me custão
As suas afflicções menos que a morte...
Oh quantos desgraçados tenho feito!
O triste Pai, o Esposo... Ai triste Esposo!..
E que será de ti!.. Lembrança horrivel!..
D. Nuno, Elvira, confortai-o todos,
A' sua dôr buscai dar lenitivo...
Ah! s'eu pudesse ao menos vêlo ainda...
Morréra satisfeita... Ceos!.. já sinto
A agonia da morte... Filhos... Filhos...
Quanto a sua presença me consterna!..
Ah! levem-mos daqui... mas para onde?..
Não; chegai, filhos meus... em vossos labios
Quero entornar minha alma... nelles quero
Deixar a vosso Pai depositados
Meus ultimos suspiros... Ah! são estes...
São estes... Que anciedade! a luz me foge...
Adeos, Filhos... adeos, Esposo... Eu morro. (1)

---

(1) Cahe, e espira nos braços das Damas.

Embaix.

Que doloroso transe!

SCENA X.

OS MESMOS, D. PEDRO, e D. SANCHO.

D. Pedro. (1)

AMADA Esposa,
Ignez, querida Ignez, vôa a meus braços,
Vem completa fazer minha alegria. (2)
Porém que!.. vós chorais! que infausto agouro(3)

D. Sancho.

Oh Principe infeliz!.. Mortal angustia!
Afastai-lhe da vista a extincta Esposa. (4)

D. Pedro. (5)

A Esposa!.. onde está ella? hide chamar-ma.

D. Nuno.

Ah! Senhor!..

---

(1) D. Pedro entra na Scena cheio de alegria, sem ver o cadaver de Ignez.

(2) Vendo chorar D. Nuno, e o Embaixador, que estão defronte do cadaver de Ignez.

(3) Olha para trás, dá com os olhos em Ignez morta, quer correr a ella, recua espavorido, e cahe desfalecido nos braços de D. Sancho, e do Embaixador.

(4) Elvira, e as Aias retirão da Scena Ignez, e os Meninos.

(5) Em delirio.

D. Pedro.

Não tardeis, hide chamar-mã.
Eu mesmo, eu mesmo vou...Ignez, Esposa!(1)

Embaix.

A extrema dôr o priva dos sentidos.

D. Nuno.

A tua Esposa... oh Deos!.. já não existe.

D. Pedro.

He morta? Injustos Ceos! Clarão terrivel!..
Que! tambem tu, D. Sancho, me enganaste?(2)
Ah! Sim, eu mesmo a vi... hórrida imagem!..
E tornaráõ a abrir-se inda os meus olhos?
Vi morta a cara Esposa, e vivo ainda! (3)
Espera, espera Ignez, eu te acompanho,
Eu já te sigo, sim... (4) Mas não, primeiro
He preciso vingar a sua morte.
Quem a matou?.. dizei... Talvez... foi elle,
Esse tyranno, que meu Pai se chama?

D. Nuno.

Ah! não, Senhor, teu Pai lhe perdoava,
Mas Coelho, e Pacheco os ímpios forão,
Que...

---

(1) Convulso quer caminhar, e não póde.
(2) Olhando para o lugar onde víra Ignez morta.
(3) Em acção de desembainhar a espada.
(4) D. Nuno, e D. Sancho impedem que D. Pedro desembainhe, e este reflectindo hum pouco, diz.

D. Pedro.

Basta: nada mais. (1) Impios são todos,
E eu de todos o sangue beber quero.
Treme, barbaro Rei; cruenta guerra
Eu protesto fazer-te: sim, eu juro
Pelo sangue de Ignez, cujos vestigios
Bradando por vingança alli diviso,
Juro, cruel, do Throno derribar-te,
E em teu lugar, c'roada alçar a elle
A Esposa que me roubas. A meu lado,
Mesmo depois de morta, a bella Castro
Será Rainha, reinará comigo:
Que importa que o seu corpo não respire,
Se a sua alma inda existe unida á minha!
Hão de todos beijar-lhe a mão já fria,
Tributar-lhe as devidas homenagens:
De seu throno degráos por mim calcados
Os tyrannos serão que a assassinárão:
Seus corações malvados, das entranhas
Eu mesmo hei de arrancar, hei de trincallos.
A's minhas iras escapar não podem:
Inda que nos infernos vão sumir-se,
Lá mesmo, ardendo em raiva, hirei buscallos.
Será tal meu furor, minha vingança,

(1) Na mesma furiosa desesperação.

Que o Mundo tremerá de ouvir meu nome:
Por toda a parte se hão de ouvir sómente
Pranto, desolação, e horrores... tantos
Os estragos serão, as mortes tantas,
Que ha de em sangue nadar Portugal todo:
Sangue o Douro, o Mondego, e sangue o Téjo
Hão de, em vez d'agoa, despejar aos mares;
E os proprios mares arrojar bramindo
Ondas de sangue ás mais longiquas praias.
Eu vou já começar a derramallo.
Oh furias! oh vingança! acompanhai-me,
Meus passos dirigi; guiai meu braço. (1)

D. Sancho.

Ah Principe, suspende! mas quem póde
Conter as furias que lhe lutão n'alma!

D. Nuno.

Que espantoso tropel de horriveis males!..
Oh de cégas paixões funesto exemplo!..
Misero Esposo!.. mal fadada Castro!..
De quanta compaixão são dignos ambos!..
Muito s'amavão, desgraçados forão,
Chore-os o Mundo, e de imitallos trema.

FIM.

---

(1) Parte furioso arrebatadamente da Scena.

Vende-se na loja de livros de João Henriques na rua Augusta N.° 1, onde tambem se vendem as peças seguintes:

Attilio Régulo, Drama Heroico de Matastasio, Traducção de M. M. de B. du Bocage, e outras excellentes Poesias do Traductor. 1 vol. 8.°	480
Eufemia, ou o Triunfo da Religião, Traducção do sobredito Bocage.	240
Sofonisba, de Voltaire.	240
Mariamne, de Voltaire.	240
Orestes, de Voltaire.	240
Mafoma, de Voltaire.	240
Os Scythas, de Voltaire.	160
Alzira, ou os Americanos, de Voltaire.	160
Jesualdo, por José Joaquim Bordallo.	200
O Triunfo da Natureza, por Vicente Pedro Nolasco da Cunha.	400
A Vingança, de Young.	120
Busiris, de Young.	120
Palafox, ou o Cerco de Saragoça, Drama	320
D. Elvira, ou a Noiva de si mesma.	120
A Mãi Indiscreta.	240
Escola do Escandalo.	240

Collecção de Obras Dramaticas de Anto-

nio Joaquim de Carvalho, que contém huma Comedia: a Ribeira do Peixe, ou a Pexeira virtuosa: e tres Farças, a saber, A Velhice Namorada: A Aula dos Toireiros tolos: O Galego bruto e moço. 8.° 1 vol. 360